

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

Nicoli Maziero Mathias

**LOCO LÂNDIA – O PLANETA DOS MEMES APRESENTA: A
PROFESSORA-PERSONAGEM EM BUSCA DE UMA MEDIAÇÃO
SENSÍVEL EM UM PROCESSO DE DRAMA NA ESCOLA**

Santa Maria, RS
2019

Nicoli Maziero Mathias

**LOCO LÂNDIA – O PLANETA DOS MEMES APRESENTA: A PROFESSORA-
PERSONAGEM EM BUSCA DE UMA MEDIAÇÃO SENSÍVEL EM UM PROCESSO DE
DRAMA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Teatro da Universidade Federal de
Santa Maria, como requisito para
obtenção do Título de **Licenciada em
Teatro.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia Berselli

Santa Maria, RS
2019

Nicoli Maziero Mathias

**LOCO LÂNDIA – O PLANETA DOS MEMES APRESENTA: A PROFESSORA-
PERSONAGEM EM BUSCA DE UMA MEDIAÇÃO SENSÍVEL EM UM PROCESSO DE
DRAMA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Teatro da Universidade Federal de
Santa Maria, como requisito para
obtenção do Título de **Licenciada em
Teatro.**

Aprovado em 02 de Dezembro de 2019:

Marcia Berselli, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Diego de Medeiros Pereira, Dr. (UDESC)
(Banca Avaliadora)

Débora Matiuzzi Pacheco, Ms.^a (UFSM)
(Banca Avaliadora)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

- *Agradeço primeiramente à minha mãe Marli e ao meu pai Vicente por todo amor e por todo apoio dedicado à mim em todos esses anos de vida.*

- *À minha orientadora Marcia pela orientação, pela dedicação incansável, pela parceria e por ter sido a melhor treinadora de heróis e heroínas. Gratidão, Vitinha Black.*

- *À minha banca avaliadora. Ao Diego que mesmo longe se fez presente e por ter me apresentado o Drama. À Débora, minha colega e amiga, por todo o afeto e por mais essa parceria. Admiro muito vocês.*

- *À todos meus colegas e amigos que me ajudaram muito nessa caminhada. Em especial ao Heverson, ao Kalyne e à Jade.*

- *Aos colegas e amigos que fizeram parte do processo de Drama como personagens, Marcia Berselli, Jade Sanches, Heverson dos Santos e Ariane Vizzoto. Com vocês o Planeta Loco Lândia foi muito mais divertido.*

- *Aos colegas e amigos que foram moradores de Loco Lândia e contribuíram de várias formas com o processo Amanda Pedrotti, Aline Dalcul, Dulce Mörschbacher, Elisa Lemos, Flávia Cassol, Jâneo Manuel Venturini, Kalyne Pereira, Mariana Giacomini, Victor Lavarda e Willian Dias.*

- *À todas as crianças, heróis e heroínas, que estiveram junto comigo neste processo.*

RESUMO

LOCO LÂNDIA – O PLANETA DOS MEMES APRESENTA: A PROFESSORA-PERSONAGEM EM BUSCA DE UMA MEDIAÇÃO SENSÍVEL EM UM PROCESSO DE DRAMA NA ESCOLA

AUTORA: Nicoli Maziero Mathias

ORIENTADORA: Prof. ^a Dr. ^a Marcia Berselli

A pesquisa tem como tema a mediação da professora-personagem em um processo de Drama na escola, explorando o Drama como uma abordagem artístico pedagógica de ensino e experimentação do teatro. O objetivo é investigar a atuação da professora-personagem como mediadora das relações-interpessoais dos estudantes em um processo de Drama propondo por meio dessa abordagem metodológica uma educação mais sensível. A pesquisa propõe o desenvolvimento e a análise de um processo de Drama desenvolvido com crianças do quarto ano do Ensino Fundamental na EMEF Lívia Menna Barreto. A metodologia da pesquisa foi definida a partir da pesquisa-ação (Thiollent, 1986; Gil, 2002). O referencial teórico traz os autores Cabral (2006), Pereira (2015) e Vidor (2008) que embasam as teorias sobre o Drama, além de Duarte Júnior (2000, 2010), Pillotto (2007) e Bottega e Rafaelli (2014) que tratam do tema do sensível e colaboram nas discussões acerca da educação sensível.

Palavras-chave: Processo de Drama. Professora-personagem. Educação sensível. Mediação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Chegada da Super Cháchá.....	28
Figura 2 – O que encontraremos no Planeta?	30
Figura 3 – Loco Lândia – O Planeta dos Memes	30
Figura 4 – Relógios transformadores.....	31
Figura 5 – Responde aí, treinadora!.....	33
Figura 6 – Treinamento da Vitinha Black	35
Figura 7 – Super Cháchá e Mandrágora	36
Figura 8 – Mandrágora e a caixa de estímulos	37
Figura 9 – Foto dos Heróis e das Heroínas.....	40
Figura 10 – A primeira volta na nave	42
Figura 11 – A chegada de Éverso Reverso.....	44
Figura 12 – Jogo da bola intergaláctica	45
Figura 13 – Cadeira quente com Cafelícia	47
Figura 14 – Cafelícia: a vilã do café.....	47
Figura 15 – Heróis e Heroínas preparando os chás	49
Figura 16 – Como ficarão os moradores após tomar o chá com café?	50
Figura 17 – Entrega de certificados por Vitinha Black	52
Figura 18 – Vídeos para os Heróis e Heroínas	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O DRAMA COMO PROCESSO	12
2.1 QUADRO DO PROCESSO DE DRAMA.....	17
2.2 AVALIAÇÕES E PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE OS EPISÓDIOS.....	27
2.2.1 A localização de Super Heróis e Super Heroínas para a Missão em Loco Lândia – O Planeta dos Memes	27
2.2.2 Preparos para a ida à Loco Lândia: as tarefas dos Heróis e Heroínas	39
3 A MEDIAÇÃO DA PROFESSORA-PERSONAGEM NA SALA DE AULA.....	55
3.1 A PROFESSORA-PERSONAGEM ARTISTA NA SALA DE AULA.....	56
4 PROBLEMATIZAÇÕES DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL NO PROCESSO DE DRAMA.....	63
4.1 POR QUE PENSAR O CORPO NA EDUCAÇÃO SENSÍVEL?	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	73

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a mediação da professora-personagem em um processo de Drama na escola, tendo como objetivo geral investigar a atuação da professora-personagem como mediadora das relações-interpessoais dos estudantes em um processo de Drama, propondo por meio dessa abordagem metodológica uma educação mais sensível.

O Drama é uma abordagem artística pedagógica de ensino e experimentação do teatro que se desenvolve em grupo no qual os participantes se envolvem como se estivessem em uma situação ou lugar ficcionais, sendo eles mesmos ou personagens, em um processo organizado em episódios sequenciais. A abordagem metodológica do Drama possibilita o ensino de teatro de forma lúdica e proporciona aos participantes momentos de criação e de jogo durante o processo. Esta abordagem, por promover vivências em contextos ficcionais, facilita a disponibilidade para o jogo e para ações.

Pensar a mediação das relações-interpessoais em um processo de Drama, para mim, é pensar de uma forma sensível sobre a educação e sobre o ensino de teatro na escola. É pensar a professora como mediadora em uma relação mais próxima dos estudantes, criando e imaginando vários mundos, como parceiros de uma mesma viagem.

A partir da definição do tema da pesquisa na investigação da mediação da professora-personagem em um processo de Drama na escola, pergunto-me: como a professora-personagem pode estimular o ensino-aprendizagem de modo sensível durante o processo de Drama na escola?

Entendo que a mediação é uma das demandas do professor na sala de aula, porém o diferencial que busco entender e destacar na pesquisa é sobre a educação sensível. Entender, durante o processo, que pelo olhar e pela escuta sensível a mediação passa pelo entendimento de não ignorar as relações interpessoais presentes no grupo, muito menos buscar soluções rápidas para qualquer situação em sala. Mediar por essa lente sensível me faz investir maior tempo nas relações, na escuta, na troca e o processo me ajuda a entender que tudo o que acontece em sala de aula pode ser um estímulo para uma conversa e para o entendimento do nosso processo de ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo, me situo na condição de saber o quanto é difícil – talvez dissesse quase impossível – perceber, ouvir e ter habilidade suficiente de mediar todas as situações que acontecem em sala de aula. Sem estar em nenhum dos extremos, de não mediar ou da angústia de tentar mediar e resolver tudo procuro a mediação do processo de forma

que os acontecimentos em sala de aula não sejam um empecilho ou um desvio da aula, mas sim, mais um ponto de diálogo e construção do nosso trabalho.

O processo de Drama aqui analisado foi desenvolvido com uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental na EMEF Lívia Menna Barreto. O processo de Drama “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” foi realizado no período entre agosto e outubro de 2019. O pré-texto escolhido para o processo de Drama foi estruturado após fazer um questionário com a turma sobre filmes, teatro, jogos e outras atividades que os estudantes gostam de fazer e ver em suas horas livres. Nas respostas observei que grande parte da turma gosta muito de super-heróis e filmes com essa temática. Em uma das aulas em que observei, a professora regente falou sobre os planetas e a turma demonstrou muito interesse sobre o assunto. Os educandos já haviam estudado sobre o sistema solar, haviam ido ao planetário da UFSM e relataram em aula que tinham gostado muito de estudar sobre os planetas. Juntando os dois temas, planetas, heróis e heroínas, organizei o primeiro episódio do processo de Drama. A cada semana, conforme a resposta do grupo sobre o processo e as situações desenvolvidas fui pensando e organizando os episódios seguintes. Nesses momentos de pensar e organizar os episódios, contei com a orientação da professora Marcia Berselli, e com a ajuda de amigos¹, profissionais e estudantes, que já tiveram experiências como mediadores de processos de Drama.

Como condutora, utilizando-me da estratégia da professora-personagem, e estando com os participantes no mesmo contexto ficcional, percebi, na mediação, uma proposição possível do pensar a educação sensível. Também, por buscar propor uma educação mais sensível e por entender que a relação da professora-personagem com as crianças envolvidas no processo pode ser uma relação mais próxima, percebi algumas dificuldades no processo, com destaque, em relação aos vários focos de atenção da turma - os quais busquei mediar ao longo do processo.

O interesse em trabalhar com um processo de Drama passou a se fazer presente desde que fiz a disciplina Práticas Educacionais em Teatro II, em 2017, ministrada pelo Prof. Dr. Diego de Medeiros Pereira. Durante o desenvolvimento da disciplina pude participar de um processo guiado pelo professor e de outros dois processos construídos por colegas e partilhados em duas escolas da cidade de Santa Maria².

¹ Agradeço aos amigos e colegas que colaboraram com o processo de Drama: Heverson do Santos, Jade Sanches, Amanda Pedrotti, Mateus Fazzioni, Elisa Lemos.

² Os processos de Drama ao qual me refiro foram realizados no segundo semestre do ano de 2017. O primeiro processo de Drama chamava-se “Um caso de poesia” e foi compartilhado com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental na EMEF Lívia Menna Barreto, esse processo foi escrito pelo colega Paulo Tavares. O segundo processo de Drama chamava-se “Um fantasma na escola” e foi compartilhado com uma turma da Educação Infantil na EMEF Gabriel Bolzan, esse processo foi escrito pelo colega Heverson do Santos. Nesses processos tivemos a participação dos colegas da disciplina Kalyne Pereira, Rosicler Garcia, Paulo Tavares, Thiago Brenner e Heverson

A primeira vez que participei de um processo de Drama foi quando conhecemos a Cidade de Felicidade. Fomos guiados pelo professor Diego que se apresentou como guia da cidade. Nesse contexto de conhecer a cidade, criamos personagens que viveram durante alguns episódios ali. Eu, Nicoli, me tornei Catarina, uma professora de dança e logo nos primeiros minutos de processo me percebi completamente envolvida pelo contexto ficcional que estávamos vivenciando.

Durante a disciplina e ao final do processo conversei com o professor Diego e relatei o quanto me senti encantada pelo processo e com a estratégia do professor-personagem, principalmente com a condução e mediação que esta possibilita. No que tange a possibilidade de mediação da estratégia do professor-personagem no processo de Drama e de como ela pode ter esse espaço de aproximação com os estudantes que partilham o processo. Logo fiz relações com a minha formação de atriz e, atualmente, com a minha formação como professora. Percebi que nesse lugar de professora-personagem pude experimentar esses dois modos de atuação ao mesmo tempo, sem enrijecer apenas uma função, me entendendo como um ser docente e artista envolvida e mergulhada em processos que são construídos com os participantes em uma relação de partilha com quem participa.

Esse desejo pelo Drama e pela estratégia do professor-personagem vem pelo anseio de uma aproximação com os estudantes, vivendo o mesmo contexto ficcional no processo de Drama. Sobre a escolha de realizar o processo de Drama com crianças do quarto ano do Ensino Fundamental, resgato mais um pouco do meu percurso no curso de Licenciatura em Teatro. Na mesma disciplina citada anteriormente, no ano de 2017, em uma experimentação do processo de Drama denominado “Um caso de poesia” na EMEF Lívia Menna Barreto, com uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental, pude estar próxima às crianças que participavam deste processo. Neste dia pude experimentar este primeiro momento de mediação. Em um determinado momento a turma foi organizada em grupos e cada um de nós, estudantes da disciplina, que estávamos como mediadores desses grupos tínhamos como uma das propostas escrever uma poesia. Neste momento, como professora mediadora, pude dialogar com as crianças, ouvir elas e estar junto nessa construção da poesia. Ao final desse processo fizemos um grande círculo e quando as crianças foram falar sobre o que havíamos partilhado uma menina agradeceu aos professores de teatro que tinham estado naquela tarde com a turma.

Não consigo deixar de lado essas boas lembranças com a turma nesta escola e, então, movida pela vontade de estar novamente em uma sala de aula com crianças podendo partilhar

do Santos. No processo “Um fantasma na escola”, além dos colegas já citados, fizeram-se presentes as colegas convidadas Ana Paula Marques e Jade Sanches.

um processo de Drama junto a elas, decidi voltar à EMEF Lívia Menna Barreto. Na escola fui recebida pela única turma de quarto ano, juntamente às duas professoras da turma e, também, fui recebida pela coordenadora que desde o primeiro momento apoia este trabalho e minha presença na escola, a partir desses encontros, começamos eu, as crianças e toda equipe da escola, a construir o nosso processo.

A abordagem metodológica se dá a partir da pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1986), é

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Em Gil entendemos que a pesquisa-ação possui como característica “o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte de pessoas ou grupos envolvidos no problema” (GIL, 2002, p. 55), ou seja, no caso do processo de Drama há a participação essencial e ativa dos participantes.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo resgato o referencial teórico acerca do Drama, retomando as estratégias que fazem parte desta abordagem e que estiveram presentes no trabalho. Ainda no capítulo um apresento o quadro referente ao processo de Drama Loco Lândia – O planeta dos memes e, em seguida, a descrição dos episódios e comentários acerca deles. O segundo capítulo começa com uma reflexão sobre ser artista docente, o capítulo segue com considerações e problematizações sobre a mediação da professora-personagem na sala de aula. No terceiro capítulo resgato alguns momentos e acontecimentos sobre o processo de Drama relacionando e problematizando o processo com as referências encontradas sobre educação sensível. E, concluindo o texto, busco nas considerações finais retomar e refletir os principais destaques do trabalho e do processo de Drama.

2 O DRAMA COMO PROCESSO

O Drama é uma abordagem artística pedagógica de ensino e experimentação do teatro que se desenvolve em grupo no qual os participantes se envolvem como se estivessem em uma situação ou lugar ficcionais sendo eles mesmos ou personagens. O contexto no qual acontece o Drama é sempre ficcional fazendo alguma relação à realidade vivida pelos participantes. A professora e pesquisadora Beatriz Cabral exemplifica o Drama:

[...] como método de ensino, eixo curricular e/ou tema gerador constitui-se atualmente numa subárea do fazer teatral e está baseado num processo contínuo de exploração de formas e conteúdos relacionados com um determinado foco de investigação (selecionado pelo professor ou negociado entre professor e aluno). Como processo, o drama articula uma série de episódios, os quais são construídos e definidos com base em convenções teatrais criadas para possibilitar seu sequenciamento e aprofundamento. (CABRAL, 2006, p. 12)

O Drama, esta abordagem artística pedagógica de ensino e experimentação do teatro, surge em países anglo-saxões a partir da professora e atriz Dorothy Heathcote. No Brasil, Beatriz Cabral foi quem inicialmente desenvolveu e difundiu a pesquisa sobre o Drama. Segundo Pereira,

No final dos anos de 1970, ele [o Drama] passou a ser reconhecido como uma forma de arte e praticado em países como Austrália, Inglaterra, Canadá, alguns países do norte europeu e nos Estados Unidos, como pontua O’Toole [1992, p.4]. E, no Brasil, sua difusão inicia-se nos anos de 1990, por meio dos trabalhos de Cabral. (PEREIRA, 2014, p. 69)

O processo de Drama é iniciado pela delimitação de um tema, seguido da escolha de um pré-texto que, segundo Cabral, “é o roteiro, história ou texto que fornecerá o ponto de partida para iniciar o processo dramático, e que irá funcionar como pano de fundo para orientar a seleção e identificação das atividades e situações exploradas cenicamente.” (CABRAL, 2006, p. 15). Este pré-texto pode surgir de materiais como dramaturgias, contos, recortes de textos em revistas ou jornais, roteiros, entre outros materiais, não necessariamente textuais, como vídeos. O pré-texto auxilia na organização dos episódios que dão sequência ao processo de Drama.

A exemplos das escolhas do pré-texto cito trabalhos que conheci por leituras ou mesmo contato com as autoras: sobre um pré-texto não textual, cito o trabalho de Priscila Jardim e Marcia Berselli (2019) que utilizaram como pré-texto cinco vídeos do site Mãos aventureiras. O site consiste em vídeos traduzidos pela professora Carolina Hessel Silveira, Doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que traduz livros e histórias infantis para Libras. O contexto da escolha das autoras pelo material visual ocorre pelo fato do processo de Drama ocorrer com estudantes surdos. Outro trabalho que cito é o de Victória Strasser e

Marcia Berselli (2019), o pré-texto deste processo de Drama parte do livro *Flicts* de Ziraldo e os episódios do processo de Drama seguem com a construção a partir das cores, devido o livro apresentar a sua temática de respeito à diversidade a partir das cores. Vale ressaltar que este processo também ocorreu com estudantes surdos. Outra referência que me auxilia para o processo de Drama é o trabalho de Maria Jade Pohl Sanches (2019), intitulado como: *Entre reinos planetas e canetinhas: processos de Drama com crianças*. Este trabalho narra dois processos de Drama que tiveram como pré-texto *Romeu e Julieta* [1595], de William Shakespeare e *Um mundinho para todos* [2006] de Ingrid Biesmeyer.

A escolha do tema é anterior a escolha do pré-texto, sendo que o processo também pode ser de carácter temático. Seguindo essa característica, cada episódio fornecerá elementos para sua sequência, constituindo assim o contexto ficcional. O processo de Drama é dividido em episódios que formam a narrativa do processo e que possibilitam a imersão dos participantes no contexto criado. O contexto ficcional contém aspectos da realidade que os estudantes vivenciam no seu cotidiano o que pode aproximar e possibilitar uma imersão ainda maior na narrativa dos episódios.

Para a construção dos episódios do processo de Drama são selecionadas algumas estratégias que proporcionam a condução do processo pelo professor. As estratégias delimitam as ações que irão acontecer no episódio. Uma das estratégias mais utilizadas na mediação do processo é a estratégia do *Teacher in Role*, esta estratégia foi traduzida por Beatriz Cabral como professor-personagem, segundo ela:

Professor-personagem foi minha tradução para teacher-in-role, e assim como a tradução de Belinky para child drama, decorreu em parte devido à dificuldade de encontrar um termo adequado para "professor-no-papel" (social). Porém dentro do conceito de teacher-in-role estão inseridas as dimensões de representação e presença; Heathcote, por exemplo, interpreta e mantém personagens de outras épocas, lugares, textos, para contrapô-los às atitudes dos alunos, e no mesmo processo de drama, assume papéis sociais que facilitem sua mediação no jogo. (CABRAL, 2008, p. 38)

Além da estratégia do professor-personagem, o professor mediador do processo de Drama também pode se utilizar da estratégia do professor no papel, segundo Heloise Vidor as estratégias diferenciam-se pedagogicamente. No resumo de sua dissertação de Mestrado Vidor sintetiza, de modo esclarecedor, sobre a diferença entre as estratégias do professor-personagem e do professor no papel, segundo ela:

A estratégia do *teacher in role* é central na investigação e é explorada através de duas abordagens pedagogicamente diferentes: o *professor no papel* se refere às situações nas quais o professor discute uma função social como parceiro dos alunos dentro do processo; o *professor personagem* se refere às situações aonde o professor traz um personagem, mantendo seu discurso e suas atitudes, a fim de desafiar o ponto de vista

dos alunos. Estes procedimentos aproximam o papel do professor ao do ator, abrindo perspectivas tanto para a apropriação da linguagem teatral pelo aluno na sala de aula, quanto para a atuação do professor como co-artista - *professor-ator* - dentro do processo de ensino-aprendizagem do teatro. (VIDOR, 2008, p. 5)

Outras estratégias que são utilizadas na organização dos episódios do processo de Drama estão descritas em Pereira (2015), sendo elas:

Manto do perito e papéis ficcionais: esta estratégia contribui para a contextualização do processo, ela consiste em tratar as crianças como especialistas em determinado assunto.

Cadeira quente: trata-se de um jogo utilizado para que o participante responda perguntas feitas por outros jogadores, sobre o seu personagem.

Narração: a narração também é uma estratégia possível de se utilizar no processo de Drama, ela pode ser usada para apresentar o contexto dramático, narrar um novo fato que ocorreu, revelar informações que ainda não foram faladas no processo, entre outros.

Recursos materiais: diversos materiais podem dar suporte ao processo de Drama, entre eles podemos listar cartas, fotos, bilhetes, mensagens, documentos, mapas, figurinos, objetos, entre outros. Os recursos materiais servem como apoio para criar situações dramáticas e possibilitam aos participantes outras formas de engajamento com o contexto e as situações criadas.

Estímulo composto: a ideia do estímulo composto é juntar uma série de materiais ligados ao tema do processo. A materialidade concreta de objetos possibilita maior envolvimento dos participantes com o processo.

Ambientação cênica: o ambiente onde o Drama acontece pode ser preparado com objetos, luzes e outros materiais para compor o espaço cênico. Essa estratégia possibilita o envolvimento dos participantes com espaços ficcionais desenvolvidos no processo.

Ambientação sonora: assim como a ambientação cênica, a ambientação sonora é uma estratégia que possibilita a ampliação dos participantes no contexto ficcional a partir de estímulos sonoros.

Cerimônias e rituais: a realização de cerimônias como: casamentos, funerais, festas de datas comemorativas, entre outros, são estratégias que podem ser utilizadas nos episódios do processo de Drama.

Imitação: segundo Pereira, “a imitação é uma atividade comum nos jogos que as crianças realizam. É parte das suas atividades dramáticas. É comum vermos as crianças criarem movimentos e sons para representar as situações que estão imaginando” (PEREIRA, 2015, p. 157). Nesse sentido, a imitação é uma estratégia que pode ser usada no processo de Drama de diferentes maneiras.

Imagens e quadros congelados: segundo Pereira, esta é uma estratégia bastante apontada na literatura sobre Drama, “brincar de congelar ou fazer estátua é um tipo de jogo corporal facilmente acessado por qualquer faixa etária e que não exige experiência de representação nem inibe os participantes a criarem algo no seu corpo na presença de outras pessoas” (PEREIRA, 2015, p. 158). Essa estratégia pode ser usada para representação de momentos, situações, emoções, pessoas, entre outros, durante o processo.

Registro: o registro não é importante somente para arquivar os fatos ocorridos durante o processo ele também é um meio de “avaliação do professor acerca dos significados que estão sendo elaborados pelas crianças” (PEREIRA, 2015, p. 160). Os registros podem ser feitos pelo professor mediador e pelos participantes durante o processo por meio de desenhos, escritas, fotografias entre outras formas de registro.

Após organizar os episódios com as estratégias selecionadas temos um roteiro possível de mudanças, adaptações e muitas transformações. As respostas dos estudantes e/ou participantes do processo dão sequência aos próximos episódios. A participação do grupo é ativa e efetiva durante todo o processo de Drama. Esse método, segundo Pereira “não impõe uma metodologia fechada, mas propõe um modelo adaptável ao contexto em que será desenvolvido, além de preocupar-se com a participação efetiva e afetiva do grupo” (PEREIRA, 2014, p. 69). Os episódios podem ser pensados nessa continuidade da narração bem como, conter um encaminhamento para alguma descoberta que será feita apenas no próximo episódio. Uma pequena suspensão do que ainda estará por vir pode instigar a curiosidade dos participantes e manter o interesse vivo pelo processo.

O processo se desenvolve a partir dos episódios com o professor mediador buscando formas de utilizar as estratégias como um fio condutor entre um episódio e outro. A partir das estratégias os participantes podem ser questionados e instigados a participar do processo. De forma a resolver problemas propostos, discutir sobre o tema e perceber que o processo é construído juntamente com as respostas e com as propostas dos participantes. Segundo Pereira “dessa forma os participantes perceberão que tem voz ativa no processo e que estão colaborando com a resolução do problema e a construção dramática” (PEREIRA, 2015, p. 132). O condutor estando atento ao que é proposto durante o processo, pode trazer para o episódio músicas, imagens e/ou outras materialidades que podem ser comentadas ou sugeridas pelos participantes; pois, além de perceberem que estão construindo o processo, é importante que os participantes sintam que fazem parte do mesmo.

A narração e condução dos episódios segue uma linha contínua. A dramaturgia do processo vai sendo construída até propor um fechamento da narração. Os episódios são

propostos até a resolução do problema ou finalização da construção dramática desenvolvida. Os processos de Drama podem ter variações em relação ao tempo de duração (dias, semanas ou meses) e em relação à frequência que o processo é realizado com o grupo.

O processo de Drama “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” foi realizado no período entre agosto e outubro de 2019. Os episódios ocorriam uma vez por semana na EMEF Livia Menna Barreto com uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental. A duração de cada episódio era em média uma hora e quarenta e cinco minutos, período equivalente ao começo da aula até a hora do lanche, anterior ao recreio escolar. O processo foi registrado por meio de fotos e vídeos feitos por mim e por alguns estudantes da turma ao longo do processo, além de desenhos e escritas da turma. Antes do começo do processo de Drama, realizei com a turma três aulas de jogos dramáticos e de jogos teatrais. As aulas iniciais foram importantes para que eu conhecesse um pouco o grupo e para que eles me conhecessem também. Promover as aulas com jogos dramáticos e com jogos teatrais foi importante para que o grupo tivesse um primeiro contato prático com os jogos. O processo de Drama aqui analisado é de caráter temático, ou seja, a partir do tema de Heróis, Heroínas e Planetas organizou-se o primeiro episódio e os episódios seguintes foram organizados com base nos elementos fornecidos no episódio anterior, contribuindo assim para a manutenção do contexto ficcional.

Na primeira aula realizamos alguns jogos dramáticos no aquecimento, como encher o corpo do colega, como se estivesse inflando o corpo, podendo explorar os sons e também o movimento do encher. Para esvaziar, podíamos ajudar o colega tocando-o até murchar o corpo no chão. Nesse exercício e nesses primeiros momentos de aula organizamos alguns acordos. O mais lembrado deles, durante as aulas, era o de respeitar o seu corpo e o corpo do colega em todos os momentos. Realizamos outros jogos nessa aula, um deles com os nomes de cada um, e um movimento para cada nome. Esse jogo, além de me ajudar a lembrar melhor dos nomes dos estudantes, traz um pouco da individualidade no jogo, um momento em que estamos todos nos vendo e nos ouvindo.

A segunda aula foi um pouco complicada, ela aconteceu na semana seguinte à primeira aula e a professora regente precisou sair da aula e me deixou sozinha com a turma. Esse foi um momento bastante delicado e senti um pouco de medo em realizar a pesquisa sobre uma mediação sensível, pois percebia que não havia escuta entre as partes. Sozinha com a turma não conseguia um espaço de diálogo com o grupo, mesmo pedindo para que todos sentassem, ou então para que retomássemos os nossos acordos. Percebi que poderia ficar apenas parada, observando-os por um tempo, mas não me sentia segura em deixar a turma sem um direcionamento. Essa aula não se efetivou nos jogos, afinal todas as tentativas de propor algum

jogo acabaram não sendo finalizadas, porém tivemos um espaço muito importante de diálogo quando a professora regente voltou para a sala.

No dia seguinte, na terceira aula da turma, retomei alguns dos jogos que havia proposto anteriormente. Retomamos o nó humano³, como um exercício em grupo para que pudéssemos tocar o corpo do colega no jogo, ser tocado e entender o nosso acordo de cuidado e respeito com o outro. No jogo da engrenagem⁴, também nessa aula, experimentamos um pouco do nosso corpo em movimento juntamente com um som. Nesse jogo percebi que os estudantes preferiram trabalhar individualmente no jogo, quando proposto para ser feito em grupo os estudantes pareciam estar mais envergonhados e se distanciaram da proposta.

Em resumo, as três primeiras aulas contribuíram para uma prática inicial do grupo e auxiliaram minha chegada à semana seguinte, como Super Cháchá. Com meu roupão e meu despertador chego à sala, os estudantes não podiam imaginar o que aconteceria a partir daquele momento. Bom, na verdade, nem eu poderia imaginar.

O quadro apresentado abaixo segue uma estrutura para organização dos episódios do processo de Drama e tem como referência os quadros apresentados na tese de doutorado do professor e pesquisador Diego de Medeiros Pereira, intitulada “Drama na Educação Infantil: experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos” (2015).

2.1 QUADRO DO PROCESSO DE DRAMA

Dados Iniciais do Processo
Nome do processo: Loco Lândia – O Planeta dos Memes
Faixa etária: Estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental da EMEF Lívia Menna Barreto. Idade dos estudantes entre nove e onze anos.
Pré-texto: Super Heróis, Super Heroínas e Planetas O pré-texto para este processo surge da observação da turma e da resposta de um questionário entregue ao grupo. No questionário grande parte da turma listou como seus personagens favoritos Super Heróis e Super Heroínas. Os filmes listados pela turma também apresentavam a temática dos Super Heróis. Em observação, durante uma aula na turma, percebi que os

³ Nó humano é um jogo de aquecimento no qual os participantes se colocam de mãos dadas em um círculo. Os participantes se movem um de cada vez passando entre os colegas, sem soltar as mãos, unindo o grupo em um grande nó. Após esse momento, os participantes se movem, novamente um de cada vez, para desfazer o nó e voltarem todos para o círculo inicial.

⁴ O jogo da engrenagem consiste em criar uma máquina por meio de um movimento, acompanhado de um som, criado pelo participante. O jogo pode começar sendo trabalhado individualmente e logo unir em grupos com duas ou mais pessoas para formar uma máquina composta por todos os sons e todos os movimentos.

estudantes gostavam muito de falar sobre os planetas que haviam estudado e relembavam bastante à viagem ao Planetário da UFSM.	
Contexto Ficcional: Super Cháchá, uma Super Heroína aposentada, encontra um grande grupo de Super Heróis e de Super Heroínas. Juntos eles ficam sabendo da existência do Planeta Loco Lândia – O Planeta dos Memes. Esse planeta precisa de ajuda e somente um grupo de Heróis e Heroínas mediados por Super Cháchá podem resolver esse mistério.	
Tema: Corpo e relações interpessoais	
Resumo: Partindo do Pré-texto dos Super Heróis, das Super Heroínas e dos Planetas o processo de Drama “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” parte da construção dos Super Heróis, das Super Heroínas e do Planeta, que ganha esse nome pela criação dos estudantes logo no primeiro dia do processo. A partir da construção do Planeta, os Super Heróis e as Super Heroínas se preparam para ajudar o planeta a resolver um grande problema: os moradores de Loco Lândia não conseguem mais dormir. Ao final do processo, os Super Heróis e as Super Heroínas serão condecorados com uma cerimônia de entrega da certificação pela missão realizada. A ideia desse processo de Drama é que os participantes consigam trabalhar juntos em situações de ajudar o Planeta Loco Lândia – O Planeta dos Memes ou mesmo em situações de ajudar os colegas na construção de cenas e materiais no espaço da sala de aula e fora dela. O processo de Drama, além de proporcionar o aprendizado do teatro, colabora no aprendizado ao respeito do seu próprio corpo e do corpo do colega. Enquanto professora, observar e mediar as relações entre o grupo por meio da estratégia da professora-personagem é um dos objetivos e um dos desafios deste processo. A relação entre Drama e educação sensível é efetivada neste processo por entender o Drama como uma abordagem artística pedagógica sensível de ensino e experimentação do teatro.	
Papel das crianças: Super Heróis e Super Heroínas	
Papel ou personagem da professora: Super Heroína aposentada	
Personagens convidados: Uma treinadora de Heróis e Heroínas. Uma motorista, que traz informações e um mapa que mostra o caminho até o planeta. Um morador de Loco Lândia – O Planeta dos Memes. Uma vilã causadora do conflito.	
Plano de Aula para o dia 05/09/2019 Aula 4 – Processo de Drama	Primeiro momento: <i>Professora-personagem</i> – Chegarei como Super Cháchá, uma heroína detectora de Heroínas e Heróis. Meu instrumento de

<p>Episódio 1 – Super Cháchá como detectora de Heroínas e Heróis</p> <p>Objetivos: Apresentar o contexto inicial do processo de Drama. Criar os nomes e os poderes de Super Heróis e de Super Heroínas com a turma. Descobrir junto com os Super Heróis e com as Super Heroínas o que há no planeta. Eleger um nome para o Planeta.</p>	<p>detector me mostra que naquela sala há uma grande quantidade de Super Heróis e de Super Heroínas. Digo a eles que sou uma Super Heroína aposentada, mas que recebi o chamado de um grande Planeta que precisa da ajuda desses Heróis e dessas Heroínas que estão na minha frente. Peço ajuda a todos os Super Heróis e as Super Heroínas presentes.</p>
	<p>Segundo momento: <i>Recurso material</i> – Distribuirei os crachás. Pedirei que, em cada crachá, os Heróis e as Heroínas coloquem o seu nome e o seu Super poder. <i>Improvisação</i> - Andaremos pelo espaço experimentaremos corporalmente o nosso poder.</p>
	<p>Terceiro momento: <i>Cadeira quente</i> – Cada Super Herói e cada Super Heroína se apresentarão com seus nomes e com seus poderes. Os Heróis e as Heroínas poderão fazer perguntas uns para os outros.</p>
	<p>Quarto momento: <i>Recurso material</i> – Precisarei saber, por meio dos Super Heróis e das Super Heroínas, o que existe nesse Planeta. Pegaremos um papel grande para recortes, colagens e desenhos do que há no Planeta. <i>Professora-personagem</i> – observando, perguntando e anotando para descobrir o que há no Planeta.</p>
	<p>Quinto momento: <i>Discussão</i> – Para eleger o nome do Planeta – Após os desenhos e recortes do que há nesse planeta, daremos um nome ao Planeta.</p>

	Sugestões e votação para escolhermos o nome do Planeta.
	Tarefa: Pensar como podemos ir para esse planeta e pensar o que podemos levar junto conosco.
<p>Plano de Aula para o dia 12/09/2019</p> <p>Aula 5 – Processo de Drama</p> <p>Episódio 2 – A transformação dos poderes</p> <p>Objetivos: Construir materialidades com o grupo. Instigar a improvisação dos personagens e dos seus super poderes.</p>	<p>Primeiro momento: Chegarei como Nicoli e construirei a Super Cháchá – <i>Professora- personagem</i> – junto com a turma. Distribuirei novamente os crachás dos Super Heróis e das Super Heroínas. Relembramos juntos o que fizemos no episódio passado. Revelarei ao grupo que, mesmo eu sendo uma Super Heroína aposentada, quando há necessidade uso o meu super relógio com poder da transformação. Me transformarei em Super Heroína. Convidarei os Super Heróis e as Super Heroínas para fazerem seus próprios relógios de poderes.</p> <p>Segundo momento: <i>Recurso material</i> – Construção dos relógios transformadores que fazem com que nos transformemos em Heróis e Heroínas. Cada Herói e cada Heroína fará o seu relógio. Super Lu e Super Cháchá darão suporte com os materiais.</p> <p>Terceiro momento: <i>Cerimônia/Ritual</i> – transformação. O grupo todo se reunirá para testar os seus relógios. Faremos nosso ritual de transformação. Após o Ritual de transformação dos Super Heróis e das Super Heroínas faremos um passeio pela escola.</p>

	<p>Quarto momento: <i>Improvisação</i> – Super Heróis e Super Heroínas irão passear pela escola testando seus super poderes.</p>
	<p>Quinto momento: <i>Recurso material</i> – Os Super Heróis e as Super Heroínas receberão uma carta de um morador de Loco Lândia – O Planeta dos Memes, nessa carta o morador pedirá ajuda aos Super Heróis e às Super Heroínas pois os moradores do planeta não estão mais conseguindo dormir.</p>
<p>Plano de Aula para o dia 19/09/2019 Aula 6 – Processo de Drama</p> <p>Episódio 3 – Treinamento de Super Heróis e de Super Heroínas</p> <p>Objetivos: Apresentar ao grupo uma personagem do processo. Propor um treinamento de Heróis e Heroínas. Observar o desenvolvimento dos corpos dos participantes durante o treinamento de Super Heróis e Super Heroínas.</p>	<p>Primeiro momento: <i>Professora-personagem</i> – Chegarei como Super Cháchá e anunciarei para a turma que agora que os moradores de Loco Lândia – O Planeta dos Memes entraram em contato conosco, precisaremos nos organizarmos para ir até lá e ajuda-los. Para isso precisaremos passar por um treinamento até estarmos habilitados para entrar no Planeta.</p> <p>Segundo momento: <i>Personagem Convidada</i> – Apresentarei a treinadora de Super Heróis e de Super Heroínas, Vitinha Black. <i>Cadeira quente</i> – Os Super Heróis e as Super Heroínas poderão fazer perguntas para a treinadora recém-chegada.</p> <p>Terceiro momento: <i>Cerimônia/Ritual</i> – Reunirei todo o grupo com seus crachás e relógios. Faremos nosso ritual de transformação para Super Heróis e Super</p>

	<p>Heroínas para começarmos nosso treinamento.</p> <p>Quarto momento: <i>Treinamento com a personagem convidada</i> – O treinamento consiste em começarmos com condutas de Super Heróis e Super Heroínas. Códigos de silêncio, movimento e união também são aprendidos. O treinamento seguirá e um dos focos é aprender a nos mover muito lentamente.</p> <p>Quinto momento: <i>Recursos Materiais</i> – Super Heróis e as Super Heroínas receberão um áudio, de um morador de Loco Lândia – O Planeta dos Memes, narrando a atual situação do planeta. Nesse áudio, o morador perguntará se realmente os Super Heróis e as Super Heroínas estão prontos para irem até o planeta.</p> <p>Tarefa: Fazer um registro em áudio respondendo o morador de Loco Lândia – O Planeta dos Memes.</p>
<p>Plano de Aula para o dia 26/09/2019</p> <p>Aula 7 – Processo de Drama</p> <p>Episódio 4 – Últimos preparos antes de partir para Loco Lândia – O Planeta dos Memes</p> <p>Objetivos: Retomar as condutas e os códigos com os Super Heróis e com as Super Heroínas. Apresentar a motorista Mandrágora aos Super Heróis e às Super Heroínas.</p>	<p>Primeiro momento: <i>Professora-personagem</i> – Após minha chegada precisaremos relembrar que, no episódio anterior, tivemos um treinamento de Super Heróis e de Super Heroínas com a Vitinha Black. Colar na sala o cartaz com as condutas e com os códigos organizados pela Vitinha Black. <i>Recurso material</i> – Carta da Vitinha Black sugerindo que antes de irmos para Loco Lândia – O planeta dos Memes revisemos nossos acordos.</p>

	<p>Segundo momento: <i>Personagem convidada</i> – Chegada da Mandrágora, motorista que nos levará até Loco Lândia – O Planeta os Memes. Retomar as condutas e dos códigos sugeridos por Vitinha Black.</p> <p>Terceiro momento: <i>Estímulo composto</i> – Mandrágora revelará uma caixa com materiais e cartas vindas de Loco Lândia – O Planeta dos Memes. O material será aberto para analisarmos.</p> <p>Quarto momento: <i>Análise</i> – Olhar e analisar tudo o que há na caixa. Cartas, memes, potes de café, cartelas de remédio, saquinhos com cheiro de café e um mapa que indica um caminho até Loco Lândia – O Planeta dos Memes.</p> <p>Quinto momento: A turma se divide em grupo para traçar estratégias de chegada em Loco Lândia – O Planeta dos Memes, além de materiais que precisam serem levados, desenho e a ideia de como construir o meio de transporte, entre outros preparativos para a viagem.</p>
<p>Plano de Aula para o dia 03/10/2019</p> <p>Aula 8 – Processo de Drama</p> <p>Episódio 5 – Uma visita de outro planeta</p> <p>Objetivos: Retomar uma parte do treinamento com os Super Heróis e com as Super Heroínas. Retomar a construção das materialidades com o</p>	<p>Primeiro momento: <i>Professora-personagem</i> – Chegada da Super Cháchá. Com minha chegada precisaremos relembrar o episódio anterior. Relembraremos a carta da Vitinha Black, os acordos e uma parte do treinamento. Na retomada do treinamento retomamos o aquecimento sugerido pela Vitinha Black,</p>

<p>grupo. Receber um morador de Loco Lândia – O Planeta dos Memes.</p>	<p>os movimentos lentos e uma variação do jogo da bolinha.</p> <p>Segundo momento: – <i>Improvisação</i> – No segundo momento – retomaremos o ritual dos Super Heróis e das Super Heroínas. Propor o ritual a partir da criação de imagens e logo em seguida as imagens em movimento. Com ou sem som.</p> <p>Terceiro momento: <i>Recurso material</i> – Retomaremos a construção das materialidades do episódio anterior. Cada grupo retoma as suas atividades.</p> <p>Quarto momento: <i>Improvisação</i> – Criaremos nosso meio de transporte de ida até Loco Lândia. Faremos uma volta teste.</p> <p>Quinto momento: <i>Personagem convidado</i> – Chegada de um morador de Loco Lândia – O Planeta dos Memes. <i>Cadeira quente</i> – Conhecer o morador Éverso Reverso e perguntar sobre o que está acontecendo com o Planeta. Quais pistas o morador pode nos deixar?</p> <p>Tarefa: Pensar em planos para salvar Loco Lândia – O Planeta dos Memes.</p>
<p>Plano de Aula para o dia 17/10/2019</p> <p>Aula 9 – Processo de Drama</p> <p>Episódio 6 – Vamos para Loco Lândia – O Planeta dos Memes</p> <p>Objetivos: Retomar uma parte do treinamento com os Super Heróis e com as Super Heroínas.</p>	<p>Primeiro momento: <i>Professora-personagem</i> – Chegada da Super Cháchá. Com minha chegada precisaremos relembrar o que aconteceu no episódio anterior. Retomaremos o treinamento de Super Heróis e de Super Heroínas com base no treinamento da Vitinha Black.</p> <p>Segundo momento: <i>Estímulo composto</i> – Revelar uma caixa com relógios</p>

<p>Viajar com os Super Heróis e as Super Heroínas até Loco Lândia - O Planeta dos Memes.</p>	<p>transformadores e capas de Super Heróis e de Super Heroínas para irmos para Loco Lândia – O Planeta dos Memes. Ajustes finais para a viagem.</p> <p>Terceiro momento: Improvisação – Com a nossa nave viajaremos até Loco Lândia – O Planeta dos Memes. E seguiremos uma parte do percurso a pé, seguindo as coordenadas do mapa deixado por Mandrágora.</p> <p>Quarto momento: Ambientação cênica – Chegaremos em Loco Lândia – O Planeta dos Memes. Chegaremos na sala ambientalizada e exploraremos o ambiente. Encontraremos a vilã de Loco Lândia – O Planeta dos Memes prestes a colocar em prática um novo plano.</p> <p>Quinto momento: Cadeira quente – Os Heróis e as Heroínas poderão fazer perguntas à vilã. Ouvir a versão dela sobre os fatos que ocorrem em Loco Lândia - O Planeta dos Memes.</p>
<p>Plano de Aula para o dia 24/10/2019</p> <p>Aula 10 – Processo de Drama</p> <p>Episódio 7 – Loco Lândia – O Planeta dos Memes será salva!</p> <p>Objetivos: Retornar à Loco Lândia e colocar em prática as receitas de chá para salvar o Planeta dos Memes. Criar novo chá que ajude os moradores à dormirem. Investigar junto aos</p>	<p>Primeiro momento: Professora-personagem – Chegada da Super Cháchá. Com minha chegada precisaremos lembrar o que aconteceu no episódio anterior. Retomar o treinamento de Super Heróis e de Super Heroínas com base no treinamento da Vitinha Black.</p> <p>Segundo momento: Recursos materiais – Mostrar aos Super Heróis e as Super Heroínas um vídeo de Cafelícia – vilã de Loco Lândia – o Planeta dos Memes. No</p>

<p>Heróis e às Heroínas cenas e ações que fazem parte do cotidiano dos moradores do Planeta.</p>	<p>vídeo ela dá indícios de como os Heróis e as Heroínas podem salvar Loco Lândia – O Planeta dos Memes.</p> <p>Terceiro momento: <i>Improvisação</i> – Com a nossa nave iremos até Loco Lândia – O Planeta dos Memes. <i>Ambientação cênica</i> – Ao chegar no Planeta, os Heróis e as Heroínas colocarão em prática as fórmulas de café com chá. Eles e elas também serão responsáveis por fazerem os novos chás para salvar os moradores.</p> <p>Quarto momento: <i>Improvisação / Imitação</i> – Após a realização das fórmulas de chá com café os Heróis e as Heroínas criarão cenas/imagens de como é a vida dos moradores de Loco Lândia – O Planeta dos Memes. Como é a vida dos moradores após tomar o chá e conseguir voltar a dormir?</p> <p>Quinto momento: <i>Registro</i> – Desenhos e escritas dos principais momentos e acontecimentos da viagem à Loco Lândia - O Planeta dos Memes.</p>
<p>Plano de Aula para o dia 31/10/2019</p> <p>Aula 11 – Processo de Drama</p> <p>Episódio 8 – Até breve, Loco Lândia!</p> <p>Objetivos: Finalizar o Drama lembrando os principais momentos vividos no processo. Entregar aos Heróis e as Heroínas os certificados em homenagem à missão realizada.</p>	<p>Primeiro momento: <i>Professora-personagem</i> – Chegada da Super Cháchá. Após minha chegada relembremos o que aconteceu no episódio anterior. Retomaremos o treinamento de Super Heróis e de Super Heroínas com base no treinamento da Vitinha Black.</p> <p>Segundo momento: <i>Improvisação</i> – Heróis e Heroínas irão se unir para organizar cenas e imagens que lembrem</p>

	os momentos vividos em Loco Lândia – O Planeta dos Memes.
	Terceiro momento: <i>Recursos materiais</i> – Heróis e Heroínas receberão uma carta dos moradores de Loco Lândia – O Planeta dos Memes convidando-os para uma festa de comemoração. <i>Improvisação</i> – Com a nossa nave iremos até Loco Lândia – O Planeta dos Memes.
	Quarto momento: <i>Ambientação cênica</i> – Heróis e Heroínas chegarão em Loco Lândia e serão recebidos com uma festa. <i>Recursos materiais</i> – Heróis e Heroínas receberão um vídeo de agradecimento dos moradores de Loco Lândia – O Planeta dos Memes.
	Quinto momento: <i>Cerimonial</i> – Vitinha Black entregará os certificados em homenagem aos Heróis e Heroínas. É chegada a hora de dizer: até breve, Loco Lândia!

2.2 AVALIAÇÕES E PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE OS EPISÓDIOS

2.2.1 A localização de Super Heróis e Super Heroínas para a Missão em Loco Lândia – O Planeta dos Memes

Aqui... Cheguei! Meu despertador detector de Super Heróis e de Super Heroínas me mostra que aquela sala de aula era o lugar que eu estava procurando. O lugar onde estão todos os Super Heróis e as Super Heroínas que me ajudarão a salvar o planeta. Apresentei-me como Super Cháchá, uma super heroína aposentada e também detectora de Super Heróis e Heroínas que adora tomar chá. Cheguei de roupão, chinelo de lã e tomando um chá, pois estava em casa e precisei vir muito rápido até eles. Quando perguntei se eles eram Super Heróis e Super Heroínas a resposta veio em coro. NÃO! Sabia da grande possibilidade disso acontecer, mas

como de fato reagir a esse não? Dizer então que estava na sala errada? Talvez sair e entrar de novo? Bom, na verdade enfatizei que meu detector⁵ não mentia e se ele estava gritando daquele jeito é porque ali havia muitos superpoderes acumulados. Falei que eu soube da existência de um planeta que precisava de ajuda e que eu não poderia ir ajudar o planeta sozinho.

Figura 1 – Chegada da Super Cháchá



Créditos: Professora Luana (2019)

Os estudantes pareceram um pouco desconfiados sobre o que estava acontecendo. Distribuí os crachás e pedi para que cada Super Herói e cada Super Heroína colocasse seu nome e seu super poder. Muitos ainda me chamavam de “profê”, para tirar as dúvidas sobre como fazer o crachá, fui reagindo de formas diferentes, falava que eu era a Super Cháchá, pegava meu chá, oferecia à turma e parece que aos poucos o estranhamento em me chamar de “Super Cháchá” foi diminuindo. Nesse primeiro episódio percebi que os poderes de comer e dormir foram os que mais apareceram. Reflito sobre esse destaque. Será isso uma forma de dizer que não querem participar? Será que pode ser alguma estratégia de fuga da aula? Ao mesmo tempo poderes da tecnologia, da invisibilidade e de super grito foram falados. Após finalizarmos os crachás propus uma experimentação dos poderes, mas ela pareceu não acontecer nesse dia. Os focos de atenção da turma sempre são muito variados e acredito que precisaríamos ter tido uma preparação para essa experimentação.

⁵ O detector de Super Heróis de Super Heroínas utilizado foi um relógio despertador.

Seguimos, ainda no primeiro episódio, com uma apresentação, utilizando a estratégia da cadeira quente, para todos nós nos conhecermos e sabermos os nomes e poderes que acabávamos de criar. Enquanto estávamos todos sentados ninguém quis apresentar seus superpoderes. Sugeri, então, que ficássemos em pé, todos em uma roda e que as apresentações poderiam ser em duplas, visto que nenhum dos estudantes pareceu confortável em se apresentar sozinho.

Os primeiros a se apresentar foram ouvidos pela turma, porém ao longo da cadeira quente a turma foi dispersando para outros focos de atenção, alguns sentaram, outros se mantiveram no círculo, outros pareciam estar brigando. Paramos. Vi uma cena em que um menino empurrou outro, mas não vi como tinha começado. A Super Lu (a professora da turma nas quintas-feiras) falou que tinha visto desde o começo, apontou quem havia começado a briga. Falamos novamente dos nossos acordos, que haviam sido criados ainda nas primeiras aulas de teatro, antes mesmo do processo de Drama começar, falamos sobre cuidar o corpo um do outro e retomamos para as apresentações. Alguns momentos foram muito conturbados, a turma falava toda ao mesmo tempo, não conseguia ouvir nem ser ouvida. Descobri em um momento que fazer o sinal “pegar o som” com a mão funcionava para que eles me olhassem, em outro momento a sugestão de “congela” também era interessante, alguns entravam no jogo do congela, outros davam risada, mas estavam atentos ao jogo e logo conseguimos voltar para o círculo e para as apresentações.

Propus então que seguíssemos com a atividade, fomos agora para o chão. Com folhas, revistas, jornais e muitas canetas quando começamos a desenhar e a colar as coisas que existiam nesse planeta. Fiquei de fora, observando e anotando as coisas que apareciam no planeta, pessoas, um rio de chocolate, tem bastante comida no planeta, geladeira, tecnologia, lagartixas, várias motos, um carro que se adapta à quantidade de pessoas que andam nele - um carro que estica, segundo uma das super heroínas -, há também nesse planeta celulares, livros e animais. Após terminarmos de recortar, colar e desenhar todas as coisas que haviam no planeta, organizamos a sala e observamos o planeta para encontrar um nome para ele. Começamos então a organizar a votação para o nome do planeta.

Duas Super Heroínas me ajudaram com a votação, anotávamos os nomes sugeridos pelos colegas, e logo em seguida começamos a votar. Dos dez nomes que foram sugeridos para o planeta, dois deles tiveram maior número de votação, são eles: “Loco Lândia e o Planeta dos Memes”. A votação para Loco Lândia foi um pouco maior, então, buscando um acordo, sugeri que juntássemos os dois nomes: “Loco Lândia – o Planeta dos Memes”. Fizemos mais uma votação e por 17 votos sim e 7 votos não, elegemos o nome do Planeta. Pouco antes de finalizar

a aula e o episódio pedi que eles começassem a pensar e a imaginar coisas que poderíamos levar para o planeta e como poderíamos ir até ele.

Figura 2 – O que encontraremos no Planeta?



Créditos: Professora Luana (2019)

Figura 3 – Loco Lândia – O Planeta dos Memes



Créditos: Professora Luana (2019)

No nosso segundo episódio, após minha chegada, começamos a construir nossos relógios transformadores. Falei para o grupo que o relógio me transformava em uma Super

Heroína, mostrei meu poder de transformação, trocando de roupa rapidamente e mostrando meu poder de voar pela sala. Muitos risos, olhares curiosos para o relógio e então cada um começou a fazer o seu. Depois desse momento saímos da sala de aula e fomos para o pátio da escola para testarmos o poder de transformação dos nossos relógios. A intenção de descer até o pátio da escola era uma vontade minha pela questão do espaço. Imaginei que um espaço maior pudesse nos ajudar na construção de um grande círculo, além de ser um espaço maior para experimentação e improvisação. Havia pensado na possibilidade dessa parte do episódio ocorrer na sala de aula, mas ao final acabei priorizando a intenção de um espaço maior. Minha intenção era reunir o grupo para fazermos nosso ritual de transformação em Super Heróis e Super Heroínas.

Figura 4 – Relógios transformadores



Créditos: Nicoli Mathias (2019)

Já estávamos com os nossos relógios transformadores, porém logo na descida para o pátio percebi que algumas crianças se dispersaram pelo espaço. No pátio, convidei eles e elas para formarmos um grande círculo. Pegar nas mãos dos colegas, para alguns estudantes, sempre foi bastante difícil. A resistência em dar as mãos para um colega menino se mostra bastante presente tanto entre os meninos como entre as meninas. Após Super Cháchá falar como era

necessária juntar nossas mãos para juntarmos nossos poderes e de que não havia problema nenhum em pegar na mão do colega, conseguimos formar nosso círculo com as mãos dadas. Começamos nosso ritual girando juntos para o lado direito e aos poucos fomos acelerando o giro. A intenção era que cada um colocasse seu relógio e pudesse explorar os poderes de Super Herói e de Super Heroína. Coloquei meu relógio e fui pro jogo, improvisando minhas ações de Super Heroína e tentando instigar o grupo a jogar junto. Alguns meninos entraram no jogo comigo, faziam de conta que estavam voando, mas em poucos segundos uma parte da turma sentou de um lado, outra sentou do outro. Um grupo de meninas se juntaram em pé escoradas em um pilar da escola, logo em seguida a professora veio me dizer que quatro meninos tinham ido ajudar a limpar a quadra e que ela ia ajudar também. Poucos estudantes ainda estavam parados no formato do círculo e pareciam não ter entendido a proposta da experimentação dos seus super poderes.

Assumo que aqui não soube como mediar e pedir para que todos voltassem para a aula de teatro. Parece-me que a ida ao pátio deu certa liberdade de não fazer a aula. Antes de a professora sair do pátio e ir para a quadra, pedi para que ela me ajudasse a subir para a sala de novo com a turma, pois sabia que sozinha não iria conseguir dar continuidade ao processo no pátio. Antes disso, fizemos nosso ritual de transformação de volta como um recolhimento dos nossos poderes. Giramos para o outro lado e de forma lenta, ao contrário do começo.

Refletindo sobre esse episódio, penso que talvez não ter realizado o ritual de transformação dentro da sala de aula para depois sairmos pode ter sido um equívoco na mediação. O pátio é ainda mais atrativo que a sala de aula, talvez se o ritual tivesse acontecido na sala e depois disso tivéssemos saído, o estado de jogo poderia ter sido diferente. A intenção de sair da sala de aula para fazer a experimentação no pátio foi pensada inicialmente pelo interesse em desenvolver as ações em um espaço maior e principalmente pela vontade de estar com as crianças em um espaço maior. Entendo, também, que por ter sido o segundo episódio, e talvez por não ter conseguido exemplificar minha proposta de transformação, as informações tenham ficado confusas.

A construção dos Super Heróis e das Super Heroínas nesse começo do processo parece um pouco frágil e manter-se no personagem e no contexto me parece um exercício que precisa de um pouco mais de prática e de tempo. Fico em dúvida se o pátio nos afastou, nesse dia, do contexto ficcional. De fato, não havia pensado o pátio em relação ao contexto do episódio. Para os estudantes o pátio está relacionado ao recreio, o momento que eles possuem mais liberdade dentro da escola. Ainda nesse episódio, após chegarmos na sala, a Super Lu entregou para Super Cháchá uma carta, ela chegou com a informação de que a carta havia sido entregue no portão

da escola. Na carta, um recurso material que utilizei para começar a instaurar um conflito no processo, os moradores de “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” pedem ajuda, pois não estão mais conseguindo dormir.

O terceiro episódio começa com a chegada da Super Cháchá comunicando ao grupo que agora que “Loco Lândia – O planeta dos Memes” entrou em contato conosco pedindo ajuda precisaremos passar por um treinamento de Super Heróis e Super Heroínas para que possamos estar preparados para irmos até o planeta. Comecei falando da minha época de Super Heroína e logo apresentei à turma a Vitinha Black⁶, uma treinadora de Super Heróis e de Super Heroínas. Vitinha Black logo se apresenta e falamos para a turma que ela havia treinado Super Cháchá há muito tempo. Os Super Heróis e as Super Heroínas agora tinham a oportunidade de perguntar o que quisessem para Vitinha Black. Ao colocarmos Vitinha Black na cadeira quente a turma se mostrou bastante curiosa em relação às histórias da Super Cháchá, enquanto Heroína. Eles perguntaram também como é a vida de um Super Herói enquanto não está salvando o mundo, perguntas como a idade da Super Cháchá, e se ela já havia sido derrotada por algum vilão foram feitas.

Figura 5 – Responde aí, treinadora!



Créditos: Professora Luana (2019)

⁶ Personagem Vitinha Black, treinadora de super heróis e de super heroínas. Atriz convidada para o papel Marcia Berselli.

Depois das perguntas, Vitinha Black anuncia que começaremos o treinamento. Juntamos todos em um grande círculo, peço para que todos se deem as mãos. Mais um dia em que percebo resistência do toque no corpo do outro colega. Após nós três (Super Cháchá, Vitinha Black e Super Lu) conversarmos, novamente, com o grupo sobre não ser um problema tocar nas mãos dos colegas o grupo aceitou dar as mãos. Começamos com o aperto de mão para passar energia, após trocarmos muita energia e sentir a energia na corrente, passando pelo corpo, sabemos que é o momento de Vitinha Black entrar em ação com seu treinamento. Começamos fazendo uns acordos de conduta. Organizamos uma lista de condutas de Super Heróis e de Super Heroínas, na lista a turma apontou palavras como: respeito, ajuda, coragem, humildade.

Criamos também códigos que podem ser usados em qualquer momento em sala de aula, no Planeta e nas missões. Os três códigos, através de ações corporais, indicam silêncio, movimento e união. Acordos feitos e anotados, começamos o treinamento. Movimentando as articulações, partes do corpo que são importantes mexer para que os Heróis e Heroínas estejam preparados para começar o treinamento. Entre os momentos de treinamento destaco o trabalho com a velocidade lenta, proposto por Vitinha Black. Cada Super Herói e cada Super Heroína precisava escolher um movimento para ser seu, e precisaria fazer esse movimento na velocidade mais lenta possível. Caminhadas lentas e também ações como ir até o chão, deitar e levantar em velocidade lenta fez parte do treinamento. Em oposição ao que se imagina de Super Heróis e Super Heroínas que agem muito rapidamente e com ações e movimentos rápidos, as ações lentas geram um contraponto bastante interessante de pensar. Percebi grande parte da turma envolvida nas ações e no treinamento da Vitinha Black. Acredito que o desenvolvimento dessas ações ao longo dos episódios, seja no jogo ou na improvisação, com tarefas ou objetivos simples, têm auxiliado no desenvolvimento dos corpos desses estudantes. A ausência desse momento de aquecimento corporal, nos dois episódios anteriores, me pareceu fazer bastante falta.

Quase no final do treinamento, colocamos uma música para movermos o corpo. Os movimentos ainda eram lentos, mas poderíamos colocar um movimento rápido no final. Cada Super Herói e cada Super Heroína pode experimentar e criar seus movimentos por um tempo. Pouco antes da hora do lanche anuncio que tenho um áudio de “Loco Lândia – O Planeta dos Memes”. O áudio consiste na gravação de um morador pedindo ajuda e perguntando aos Super Heróis e às Super Heroínas se eles estão todos prontos para irem até “Loco Lândia – O Planeta dos Memes”. Os estudantes ouvem o áudio e logo Super Cháchá convoca uma reunião com todos. Nesta assembleia de última hora, com todos convocados, colocamos em pauta se estamos ou não estamos preparados para irmos até Loco Lândia. As opiniões se dividem, uns dizem que sim, outros que não, uns falaram que não ia dar tempo de ir naquele momento, pois o lanche já

deveria estar chegando. Conversamos, pergunto se estamos prontos, se sim, enviaremos um áudio para acalmar os moradores de Loco Lândia e os avisaremos que em breve estaremos lá. E foi o que fizemos, decidimos que estamos preparados e que iremos todos juntos para o Planeta dos Memes. Gravamos nosso áudio, cada um falou um pouco do que gostaria de dizer aos moradores de Loco Lândia.

Figura 6 – Treinamento da Vitinha Black



Créditos: Professora Luana (2019)

Após encerrarmos o áudio, Vitinha Black ficou responsável de entregá-lo ao Planeta. Vitinha Black também falou que, se todos os Super Heróis e Super Heroínas cumprirem suas missões em Loco Lândia – O Planeta dos Memes, ela voltará para entregar a certificação de Heróis e Heroínas para o grupo.

Com base no episódio de número quatro do processo, episódio em que os Super Heróis e as Super Heroínas conheceram uma personagem nova, a motorista Mandrágora⁷, algumas situações de jogo se destacaram e comecei a perceber que os estudantes estavam de fato se envolvendo no processo. A chegada bastante tumultuada de Mandrágora assustou alguns participantes, o jeito elétrico e atrapalhado da personagem que se disse motorista era muito engraçado e ao mesmo tempo incomodava alguns Heróis e algumas Heroínas. Mandrágora

⁷ Personagem motorista Mandrágora, responsável por trazer informações do Planeta e também nos ajudar a chegar em Loco Lândia – O Planeta dos Memes. Atriz convidada para o papel Jade Sanches.

errava muito os nomes das pessoas, do planeta e até mesmo o nome da Super Cháchá, o que fazia com que os participantes precisassem corrigi-la o tempo todo. Com a chegada de Mandrágora recebemos também uma caixa vinda de Loco Lândia – O Planeta dos Memes.

Figura 7 – Super Cháchá e Mandrágora



Créditos: Professora Luana (2019)

Uma das estratégias selecionadas para esse episódio foi a estratégia conhecida como estímulo composto, que consiste em juntar uma série de materiais ligados ao tema do processo. Nessa caixa trazida por Mandrágora, os Super Heróis e as Super Heroínas receberam cartas dos moradores do planeta, receberam também alguns bilhetes em que diziam para terem cuidado ao chegarem no planeta, lembretes de que há lugares muito silenciosos no planeta e dentre as materialidades mais comentadas pelos participantes estavam os memes impressos e colocados dentro da caixa, além de alguns envelopes de remédios para dor de estômago e também embalagens de café, saquinhos com cheiro de café e copos de café.

A partir das materialidades da caixa de estímulos, os Super Heróis e as Super Heroínas foram indagados a sugerirem o que poderia estar acontecendo em Loco Lândia e percebemos, eu e Mandrágora, que os participantes estavam, de fato, envolvidos naquele episódio e na tentativa de descobrir quais eram os sinais e as pistas que a caixa havia deixado.

Figura 8 – Mandrágora e a caixa de estímulos



Créditos: Nicolli Mathias (2019)

Desde o segundo episódio, quando os Heróis e as Heroínas receberam uma carta de Loco Lândia – O Planeta dos Memes, a turma desconfia que o motivo da falta de sono no planeta seja pelo excesso de café. A carta trazida como um estímulo e também como uma continuidade do processo tinha muito cheiro de café devido a minha tentativa de deixar o papel com aspecto envelhecido. Não foi intenção sugerir ou mesmo evidenciar a possibilidade do café, mas quando a carta foi vista pela turma logo foi comentado o cheiro do café, um fato inegável.

Ainda no episódio de número quatro, após os estudantes observarem a caixa de estímulos, propus que os Heróis e as Heroínas se dividissem em grupos e começassem a pensar estratégias para chegar em Loco Lândia e planos que poderiam nos ajudar na viagem. As sugestões do que cada grupo faria foram construídas pelas crianças que sugeriram o que queriam fazer e organizar para a ida até o planeta. O primeiro grupo quando indagado sobre como seria nossa chegada à Loco Lândia, deu a ideia de cravarmos uma bandeira na nossa chegada. Então as Super Heroínas deste grupo ficaram responsáveis por construir a nossa bandeira. O segundo grupo sugeriu a construção de uma proteção de segurança para a nave e, logo juntaram-se para trabalhar com o grupo responsável por desenhar a nave e pensar na sua construção com coisas que encontramos na sala de aula. Outro grupo ficou responsável pela criação de uma coreografia de movimentos para apresentarmos em Loco Lândia, que ficou

intitulada como “Boas Vindas”. Um grupo de Super Heroínas ficou responsável por organizar o que nós iríamos levar para o planeta. Comidas, objetos, nossos relógios foram as primeiras coisas a serem listadas. Por último, mas não menos importante, duas duplas trabalharam, separadamente: uma responsável pela tradução em caso de encontrarmos habitantes que falem em outras línguas; e outra dupla responsável na construção de armas de proteção. Este episódio finalizou sem o término dessas materialidades, porém os participantes se mostraram muito envolvidos neste episódio.

O episódio de número quatro demarca a metade do processo e agora faço uma avaliação do início do processo de Drama até esse momento. Os dois primeiros episódios me pareceram um pouco difíceis na minha perspectiva enquanto mediadora. Percebi esses espaços em que me senti insegura na mediação, um pouco confusa em relação ao contexto e algumas vezes sem saber como mediar o grupo. Os vários focos de atenção na turma me fazem refletir bastante em relação à mediação sensível que procuro. Em relação ao grupo, nesses primeiros episódios, me parece que estavam tentando entender o que estávamos fazendo e o que estava acontecendo. Após esses dois episódios percebi que era necessário retomar algum jogo ou mesmo aprofundar, dentro do contexto, a relação do corpo desses estudantes no processo. Foi quando no terceiro episódio recebemos a visita de uma treinadora de heróis e heroínas. Com base no episódio de treinamento pude observar e perceber mais o corpo dos estudantes envolvidos no processo e no contexto. Perceber e observar o corpo dos estudantes no processo é um elemento muito importante na minha perspectiva enquanto mediadora. Pelo corpo posso observar o quanto os participantes estão se envolvendo no processo. Pelo corpo consigo também entender e apontar aspectos do sensível, naquilo que venho buscando enquanto uma educação pautada no respeito do estudante com ele mesmo e com o outro.

O auxílio de outra pessoa, no caso uma personagem convidada, mostrou-se muito importante. Além de colorir o processo colaborando na instauração do contexto ficcional, ter uma personagem no terceiro e no quarto episódio me auxiliou na condução e no jogo com o grupo. O episódio do treinamento serviu de base para dar sequência aos jogos e aquecimentos dos episódios seguintes, todos com uma sequência do treinamento da Vitinha Black e ao mesmo tempo me auxiliou na busca por jogos e aquecimentos que colaboraram no episódio e no desenvolvimento do grupo. O mapa trazido por Mandrágora foi fundamental na nossa primeira ida à Loco Lândia, proporcionando aos Heróis e Heroínas um momento de interpretação do mapa e improvisação do caminho. Sobre essa viagem falarei um pouco mais logo adiante.

Antes de pensar o episódio de número quatro, eu já sentia que necessitávamos de algo a mais para o processo, algo que colaborasse no desenvolvimento do contexto ficcional e no

envolvimento do grupo. Foi quando retomei a leitura de Cabral (2006) e compreendi que talvez o que necessitávamos era algo mais concreto. Uma materialidade em relação ao processo e ao contexto ficcional. Foi assim que, para esse episódio, selecionei como uma das estratégias o estímulo composto, que consistia em uma caixa com materialidades relacionadas a “Loco Lândia – O planeta dos Memes”. Sobre o estímulo composto Cabral define como:

Um recurso pedagógico eficaz para envolver os participantes com o contexto dramático e, ao mesmo tempo, estimular investigações paralelas e independentes nas demais áreas curriculares, é o *pacote de estímulo composto*. O estímulo composto reúne um conjunto de artefatos – objetos, fotografias, cartas e documentos, por exemplo, em uma embalagem apropriada. A história que se desenvolve a partir dele ganha significância através do cruzamento de seu conteúdo – o relacionamento entre os artefatos nele contidos – e como os detalhes de cada um sugerem ações e motivações humanas. (CABRAL, 2006, p. 36)

Com a caixa de estímulo percebi o grupo mais envolvido com o processo: tentando entender os memes, passando e mostrando para os colegas os memes que haviam gostado, cheirando os sacos de cafés e questionando-se se aquilo era café ou chá. Enfim, nesse momento do episódio, era perceptível o envolvimento do grupo no contexto. E, mais perceptível, era como a materialidade foi importante para estimular esse envolvimento do grupo.

2.2.2 Preparos para a ida à Loco Lândia: as tarefas dos Heróis e Heroínas

Começamos o episódio de número cinco, com uma retomada do episódio anterior e em seguida uma retomada do treinamento da Vitinha Black. Começar o episódio retomando o treinamento dos Super Heróis e das Super Heroínas é uma forma de, dentro do contexto ficcional do processo de Drama, buscar um aquecimento com o grupo mesmo não havendo um especificamente, como destaca Pereira:

Não há no Drama, por exemplo, um “aquecimento”, como acontece geralmente, em uma aula de teatro. Se eu, como condutor do processo, desejo realizar algum trabalho que “aqueça” os corpos, então irei pensar uma proposição que transposta ao contexto fictício, coloque os participantes em uma atividade corporal. Alguns exemplos: “os participantes como piratas precisam fortalecer sua musculatura para as batalhas que poderão enfrentar” ou “para conseguirmos desviar das cobras teremos que andar em câmera lenta”. Portanto, toda exploração se dá por meio da ficcionalidade, ou seja, dramaticamente. (PEREIRA, 2015, p. 123)

Nesse episódio propus que começássemos movendo algumas partes do corpo. Fui guiando para que movêssemos as articulações, começando do tornozelo e chegando até o pescoço, no meio desse caminho alguns estudantes sugeriram que fizéssemos a prancha para trabalhar o abdômen. Deitamos no chão para fazer, vi alguns corpos se esforçando para fazer o

exercício, outros que aproveitaram o chão para deitar e soltar o peso. Nessa proposição seguimos o movimento do corpo com imagens como espreguiçar, bocejar retomando o contexto dos moradores que sentem muito sono. Logo seguimos com o jogo da bolinha de tênis, que deixou de ser uma simples bolinha para ser uma bola intergaláctica que toda vez que caía no chão levava nossos corpos junto para o chão e quando conseguíamos pegar a bolinha acumulávamos mais energia. O jogo da bolinha foi muito bem aceito pelo grupo. Percebia que muitos estavam atentos para pegar a bola e quando ela caía no chão o grupo caía junto e logo todos voltavam para o jogo. Pela minha percepção via o grupo se divertindo durante o jogo e principalmente olhando uns para os outros.

Figura 9 – Foto dos Heróis e das Heroínas



Créditos: Professora Luana (2019)

Dando sequência ao treinamento propus que criássemos uma imagem – imagem acima –, como se fosse uma foto, para o começo de um ritual de transformação em Super Heróis e Super Heroínas. Criamos nossa imagem/foto inicial, e propus que continuássemos criando imagens para o nosso ritual de transformação. Enquanto explicava sobre o ritual de transformação fui surpreendida por um comentário de um menino que me disse “mas nós já somos Super Heróis”. Nesse momento repensei de fato sobre a minha intenção de propor a transformação. Refletindo sobre esse momento confesso que eu esperava e imaginava o ritual como algo que fosse materializar no corpo desses estudantes a transformação. Dei-me conta que de fato eles estavam inseridos no contexto, estavam jogando comigo e que a transformação,

da forma como eu imaginava, não iria ocorrer. Encontro em Cabral e Pereira uma passagem que me auxilia a entender:

O professor e os estudantes assumem papéis associados ao contexto dramático e interagem em grupo a partir deles. O conceito de ‘personagem’ não entra em pauta como algo definido e caracterizado; os participantes assumem um papel que inclui a possibilidade de mudanças radicais frente aos argumentos, quer do professor, quer dos colegas, face a notícias ou comprovações de fora, usualmente inseridas pelo professor. (CABRAL; PEREIRA, 2017, p. 292).

O que eu ainda não havia entendido é que se os estudantes já estão no papel de Super Heróis e de Super Heroínas por que haver um ritual de transformação? Questiono-me sobre minha própria escolha sobre essa estratégia nesse momento do processo. Pois, anteriormente, entendia o ritual como um momento em que pudesse reforçar para os estudantes os personagens que eles estavam assumindo. E, nesse momento, pela resposta do grupo esse ritual pareceu não fazer sentido para eles. Talvez agora eu consiga entender melhor que esse ritual não é necessariamente um ritual de transformação de humanos para heróis e vice e versa, mas sim um momento em que o grupo de heróis e heroínas pode juntar suas forças para salvar o planeta, por exemplo. A estratégia do ritual, como uma sequência que se repete em mais de um episódio, de fato não se efetivou principalmente por este equívoco inicial. Compreendo que uma estratégia que se repetiu a cada episódio foram os nossos treinamentos que nos mantiveram atentos e preparados para explorar os desafios que um herói e uma heroína podem encontrar no seu caminho.

Após a criação da imagem, registramos a nossa pose de heróis e heroínas com uma foto e seguimos com o episódio. Um Super Herói, chamado Mega Homem, veio anunciar ter recebido uma carta de “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” e pediu para ler a carta para o grupo. Ele primeiro me mostrou a carta e, percebendo que a carta fazia parte do contexto que tínhamos acabado de discutir, de que éramos heróis e heroínas, abriu espaço para que ele lesse a carta. Quando o Mega Homem lê a carta, outras informações chegam ao processo. Na carta – criada pelo próprio estudante – vinda de “Loco Lândia – O Planeta dos Memes”, os moradores falavam que não éramos Super Heróis de verdade, pois ainda não havíamos chegado lá para ajudá-los. Nesse momento se instaura um clima quase de revolta de alguns participantes que questionam “se eles acham que a gente não é Super Herói de verdade por que eles nos chamaram?”.

Mega homem não sabe como explicar a carta. O estudante traz a informação como uma colaboração para o processo e alguns colegas pareceram não acreditar ou mesmo não quererem comprar o jogo do colega. Após alguns minutos de dúvidas sobre o que fazer em relação à carta

e de como mostrar para Loco Lândia que somos heróis e heroínas de verdade e que logo chegaremos à equipe de tradução pede para analisar a carta. Nesse momento então voltamos com a retomada dos grupos e das atividades começadas no episódio anterior. Os grupos estavam muito ansiosos para retomarem suas atividades. A equipe de tradução logo chega com mais novidades, após analisar a carta, as duas Heroínas da equipe, perceberam que em Loco Lândia – O Planeta dos Memes os moradores falam tudo ao contrário. Juntamos o grupo novamente para vermos o que estava escrito na carta e o que ela realmente queria dizer. Segundo a tradução da equipe a carta continha a seguinte mensagem: “Sim, nós estamos detonados. Heróis estamos sempre acordados. Vocês não são Super Vilões.” Com a tradução entendemos a mensagem na carta, Loco Lândia precisa de ajuda e quer a nossa ajuda. O idioma do planeta acaba de ser descoberto, lá todos falam ao contrário. Fomos então finalizar os preparativos para a viagem. Após a finalização da bandeira, da nave, da revisão da tradução, reunimos o grupo para testar a nossa nave.

A nave foi com certeza o auge desse episódio, muitos Heróis e Heroínas estavam envolvidos na construção, manutenção e no fato de fazer a nave voar. Experimentamos a nave, voamos um pouco, tivemos momentos de turbulência e precisamos pousar pois a nave apresentou alguns problemas, segundo o copiloto Super Comida.

Figura 10 – A primeira volta na nave



Créditos: Professora Luana (2019)

O estudante B., - o Super Comida -, era o que menos participava nas aulas, muitas vezes preferiu ficar de fora e só observar. Em algumas aulas ele me escreveu alguns bilhetes de coisas que tinha observado e fez alguns desenhos que eu havia pedido como uma forma de participação. Porém a construção da nave envolveu muito o Super Comida que trabalhava junto a Super Computação no aperfeiçoamento da nave. Após algumas voltas, percebi alguns estudantes mais envolvidos e outros menos, nas imagens de turbulência e de desvio da nave. Propus que o movimento da nave fosse realizado pelo movimento do nosso corpo. Os Heróis e a Heroínas se divertiram muito mais nesse momento, então aterrissamos e logo em seguida eles perceberam alguém chegando: era uma visita de Loco Lândia.

Segundo os pilotos - Super Comida e Super Computação - da nave havíamos chegado a algum lugar, mas ninguém sabia dizer se ali era Loco Lândia ou não, achávamos que não era. Mas o morador encontrado, logo em suas primeiras palavras foi detectado como um morador de Loco Lândia. A equipe de tradução logo se colocou disposta a ajudar no diálogo. Conhecemos Éverso Reverso⁸, morador de Loco Lândia, encontramos-lo e começamos um diálogo. A intenção era de fazermos um momento de cadeira quente com o personagem, mas uma parte do grupo ainda estava muito focada na nave e nos problemas que ela havia dado na viagem.

Aqui identifico, mais uma vez, uma dificuldade que encontrei durante o processo: de mediar os diversos focos de atenção. Mesmo dentro do contexto ficcional, vendo os participantes envolvidos com a nave e alguns envolvidos com o personagem, eu acabava tendo que me dividir entre uma coisa e outra, pois os Heróis que estavam preocupados em consertar a nave não demonstraram interesse em falar com Reverso. Os diferentes focos de interesse do grupo também me desafiam na busca por uma mediação sensível. Não ignorar os focos de atenção e os interesses do grupo me parece muito importante durante o processo. Porém, entender a forma ou se há uma forma de como mediar diferentes interesses ao mesmo tempo, é muito desafiador.

A sala ficou bastante agitada após a chegada do personagem e acho que aproveitamos pouco a sua visita. Dos destaques que temos da visita do Éverso Reverso foi a equipe de tradução constatando que ele falava o idioma Reverso, Mega Homem também fez questão de enfatizar a pergunta: “Afinal, vocês estão ou não estão precisando de ajuda?”. Éverso Reverso responde: “Nós não estamos precisando de ajuda”. Tradução responde: “Sim, eles estão precisando de ajuda.” Durante esses diálogos recebemos a notícia de um dos comandantes da

⁸ Personagem Éverso Reverso, morador de Loco Lândia – O Planeta dos Memes. Ator convidado para o papel Heverson do Santos.

nave que precisávamos partir em cinco minutos senão a nave iria sozinha, pois ela estava programada. Subimos todos para a nave e convidamos Éverso Reverso para um passeio na nave, ele aceitou.

Figura 11 – A chegada de Éverso Reverso



Créditos: Nicoli Mathias (2019)

Após uma curta volta paramos a nave novamente e seguimos com algumas conversas. Nesse dia estava chovendo e a turma não desceu para o pátio da escola, então acabamos ficando um tempo um pouco maior na aula. Mesmo com o lanche e com alguns estudantes que se afastaram do morador de “Loco Lândia – O Planeta dos Memes”, alguns estudantes ainda estavam muito envolvidos com a nave e com o Éverso Reverso. Finalizamos esse episódio com a saída do Éverso Reverso da sala e com a tarefa de pensar possíveis planos para salvar “Loco Lândia – O Planeta dos Memes”.

No episódio de número seis, após chegar à sala, retomamos mais uma vez o treinamento de Heróis e Heroínas. Nesse dia além do jogo da bola intergaláctica, passamos por um circuito de lugares imaginários. O jogo da bolinha é muito bem aceito pelo grupo, quando conseguimos pegar a bolinha na mão seguramos a energia e passamos para outro colega e quando ela cai no chão perdemos força e caímos no chão como a bolinha. Um dos objetivos desse jogo é instigar que os estudantes movimentem seus corpos de uma forma mais livre, pois o movimento de cair até o chão é investigado por cada um. Essa investigação pessoal do movimento me faz pensar um aspecto do sensível, pois percebo que todos os corpos reagem de formas diferentes no jogo.

O jogo faz parte do contexto ficcional que estamos vivendo, além de ser parte do nosso preparo para o episódio. O circuito que passamos envolvia também os códigos de movimento e de união, originários do treinamento de Vitinha Black. Começamos passando por um túnel muito estreito, então propus ao grupo que usássemos o código de união para passarmos por ele. Passamos por um lugar com muita água, o código de movimento nos ajudou a passar mais rápido por esse lugar e finalizamos caminhada nos movimentando com uma parte do nosso corpo em contato com outra parte do corpo do colega, desviando de obstáculos que surgiam no chão ou na altura acima das nossas cabeças. Os estudantes participaram bastante desse momento, muitos jogaram e imaginaram as situações alimentando o jogo com comentários sobre a água estar fria ou então pelos obstáculos do caminho. Outros estudantes pareciam estar menos envolvidos na proposta. Quando paramos, em círculo, para dar continuidade ao episódio um estudante comentou que eu estava molhada – e de fato eu estava bastante suada – antes mesmo de eu pensar em responder algo, outra estudante que estava do meu lado completou a frase dizendo: - “lógico, a gente acabou de passar pela água.”.

Figura 12 – Jogo da bola intergaláctica



Créditos: Professora Luana (2019)

Após o treinamento segui o episódio entregando aos Heróis e as Heroínas as capas que eles e elas haviam comentado comigo na aula anterior. A sugestão havia sido de uma estudante que falou que poderia fazer as capas na aula, sabendo que essa demanda demoraria bastante tempo para ser realizada em aula, resolvi trazer as capas para a turma. Seguindo as cores da

nossa bandeira, as capas azuis, vermelhas e amarelas foram distribuídas para o grupo. Nos vestimos e organizamos a nossa nave para a ida até Loco Lândia – O planeta dos Memes. Na nave, todos a postos para seguir viagem, a viagem na nave foi bastante curta, o grupo estava muito curioso para a chegada até o planeta e ainda precisávamos nos deslocar de uma sala a outra. Com o mapa alguns Heróis e Heroínas foram investigando mais o caminho, tentando adivinhar para onde ir. Passamos por alguns corredores da escola, voltamos em ziguezague pelos pilares da escola. Até o momento em que chegamos na sala ambientalizada. O grupo logo começou a acender as luzes, pois só as lanternas que estavam na sala não eram suficientes para ver tudo. Eles e elas olhavam tudo com muita euforia, os vestígios de café, os recados de não entre e não se aproximem deixados no quadro, os memes espalhados pela sala.

Após alguns minutos de investigação na sala, encontrando várias pistas, entre elas: memes, cartas de moradores pedindo ajuda e vestígios de café, chega Cafelícia⁹ e uma parte do grupo corre até ela para saber quem é ela. O momento de cadeira quente, estratégia do Drama na qual os estudantes podem fazer perguntas e saber mais informações sobre o que está acontecendo, foi um pouco confuso. Alguns participantes se mostraram de fato interessados pela vilã e não saíram de perto dela em nenhum momento. Os que estavam próximo dela falavam todos ao mesmo tempo, perguntavam e queriam saber sobre o café que ela carregava consigo. Nesse momento percebi também outros estudantes que estavam com outros focos de atenção pela sala, brincando e conversando sobre outros assuntos. Tentei reunir o grupo, todos sentados em volta da vilã para que pudéssemos ouvir ela. O grupo permaneceu atento por alguns minutos e fizeram algumas perguntas também.

Enquanto algumas Heroínas mantinham a atenção na vilã um outro grupo de Heróis e Heroínas que estavam muito envolvidos no episódio ciaram um plano. Pegaram o chá da Super Cháchá e dissolveram o café da vilã em uma grande dose de chá, o jogo ganhou força quando a vilã percebeu e se recusou a tomar o chá, então eles precisaram refazer a receita com uma quantidade menor de chá. Dentro do jogo de chá e café, os Heróis e as Heroínas conseguiram pegar o conta gotas de café da vilã, com o argumento de que iam preparar mais café para ela. Desarmando a vilã e dando chá para ela os Heróis e a e as Heroínas começaram a cantar uma música para ela dormir. Após alguns minutos Cafelícia cai em sono profundo. Voltamos rapidamente para o ponto onde estava a nossa nave – sala de aula das crianças – e de lá voltamos para o nosso lugar de origem.

⁹ Personagem Cafelícia, vilã causadora do conflito. Atriz convidada para o papel Ariane Vizzoto.

Figura 13 – Cadeira quente com Cafelícia



Créditos: Nicoli Mathias (2019)

Figura 14 – Cafelícia: a vilã do café



Créditos: Nicoli Mathias (2019)

Aproveitei uns minutos finais da aula para perguntar e entrevistar o grupo sobre o que haviam descoberto sobre a vilã. Os áudios comprovam que, mesmo o grupo parecendo estar

disperso em muitos momentos do episódio, eles conseguiram, antes de adormecer a vilã, várias informações sobre o motivo de ela ter deixado todos sem dormir. Cafelícia narrou que ao chegar em “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” tinha a intenção de dominar o Planeta e fazer com que o planeta inteiro fosse dela. O que a vilã não esperava era encontrar Éverso Reverso que com seu idioma de Loco Lândia assustou a vilã. Ela bastante assustada pelo idioma do planeta começa a ter pesadelos e noites de insônia. Por não conseguir mais dormir ela resolve deixar o planeta inteiro sem dormir. Mesmo com muito medo de Éverso Reverso e dos outros moradores ela cria seu plano. Com muita cafeína deixa os moradores durante semanas acordadas, assim os moradores não podem fazer nenhum mal para ela, pois eles estão com sono e só pensam em dormir, enquanto ela tentava dominar o Planeta e transformá-lo em “Loco Lândia – O Planeta do Café”.

O episódio de número sete começa com mais uma retomada do episódio anterior. Uma Heroína fez questão de contar um resumo do que havia acontecido, ela narrou o que descobriu sobre a Cafelícia e sobre o Planeta dos Memes. Retomamos o treinamento com uma nova busca por movimentos. Cada Herói e cada Heroína buscariam um movimento rápido e um movimento lento para alguma situação em que precisasse pedir ajuda para outro Herói ou Heroína. Alguns estudantes apresentaram um pouco de resistência em fazer o exercício, mas experimentaram um pouco. Percebi que o foco de explorar os movimentos como uma ação de pedir ajuda não estava acontecendo. Finalizamos esse momento e terminamos o treinamento com o jogo da bolinha, muito pedido pelo grupo. Nesse jogo todos os estudantes estavam participando e aceitaram a instrução de jogar a bolinha para os colegas que ainda não haviam recebido, fazendo com que a participação de todos tenha se efetivado nesse dia. Em seguida, mostrei aos Heróis e as Heroínas o vídeo enviado por Cafelícia. No vídeo a vilã falava de como estava agradecida pelos Heróis e Heroínas terem a feito dormir. Que ela realmente tinha percebido o quanto dormir era importante. Cafelícia falou sobre a receita de chá e café feita pelo grupo e disse que achava que agora eles precisavam desfazer o que ela fez. Cafelícia termina o vídeo dizendo que havia mandando o café e que agora as fórmulas de chá deveriam ser feitas por eles para cada morador do planeta.

Fizemos novamente nossa viagem à Loco Lândia, nessa ida os Heróis e as Heroínas não quiseram seguir o mapa, falaram que já sabiam o caminho até o planeta. Aos chegarmos percebemos que o planeta se encontrava muito parecido com a semana anterior, exceto pelas placas (recados no quadro) que agora eram de Bem vindos a Loco Lândia, alguns rastros de café a menos e uma garrafa de café com o recado de Cafelícia. Os chás e os materiais para fazer o chá foram entregues por Super Cháchá. Os Heróis e as Heroínas trabalharam juntos nas

composições do chá, em uma das paredes do planeta, encontramos também uma lista com os nomes dos moradores. Os chás deveriam ser direcionados para cada pessoa. Cada chá terminado recebia o nome do morador e era colocado em algum lugar da sala.

Figura 15 – Heróis e Heroínas preparando os chás



Créditos: Nicoli Mathias (2019)

Após termos terminado os chás, sugeri aos Heróis e as Heroínas que experimentássemos ações pensando: como seria a vida dos moradores após tomar o chá e conseguirem voltar a dormir? A intenção era de construir cenas do cotidiano dos moradores, mas os estudantes não se mostraram seguros em participar da proposta. Mesmo tentando auxiliar os grupos percebi que eles não conseguiam decidir o que fazer e uns estudantes não quiseram participar da proposta. Aos que estavam mostrando mais interesse em participar fui instigando com perguntas como seria essa nova rotina dos moradores e sugeri então que construíssemos algumas imagens. Os grupos então começaram a mostrar imagens de moradores comendo, moradores dormindo, cenas de crianças voltando a brincar e de moradores dormindo segurando seu chá na mão. Finalizamos os momentos das imagens em “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” e voltamos para o nosso planeta. De volta à sala de aula, finalizamos o episódio registrando alguns momentos do processo, com desenhos, escritas, dobraduras ou o que mais os estudantes sugerissem de registro.

Figura 16 – Como ficarão os moradores após tomar o chá com café?



Créditos: Nicoli Mathias (2019)

O oitavo episódio foi o momento de confraternizar e finalizar o processo relembrando muitos dos momentos que vivemos em Loco Lândia e fora do planeta também. Começamos o episódio nos reunindo em um círculo para a retomada de mais uma parte do treinamento da Vitinha Black. Em primeiro lugar a proposta era de alongar o corpo, espreguiçar, fazer o máximo de sons de bocejo que conseguisse. Era como se estivéssemos acordando. Nesse momento lembramos dos nossos amigos de Loco Lândia, como será que eles acordam lá? Estica aqui e ali e pronto, partimos para o próximo jogo. Congela. Propus que estivemos todos em muitos movimentos e quando a luz apagasse todos iriam congelar. O jogo de congelar é um jogo de fácil acesso para o grupo e é também bastante divertido. O jogo fica mais engraçado quando começamos, eu e a Super Lu, a dar indicações de partes do corpo para serem movimentadas mais rápidas ou mais lentas.

Jogamos e congelamos algumas vezes e a proposta seguinte era de relembrar em cenas ou imagens os momentos que eles e elas mais gostaram do processo. Fui passando de grupo em grupo para ver quais eram as propostas de improvisações. Já no primeiro grupo fui convidada a fazer parte da cena, na improvisação me tornei Cafelícia e os Heróis e Heroínas em volta de mim relembravam que a vilã tinha medo do Éverso Reverso, ficavam provando falando que

iam chamar ele pra ver como eu reagiria e ao final da improvisação me deram chá com café e me fizeram dormir, da mesma forma como aconteceu no episódio. O segundo grupo lembrou a visita de Mandrágora e do quanto a personagem ficava agitada quando todos falavam ao mesmo tempo em volta dela. Na improvisação uma heroína amarrou o cabelo de uma forma muito parecida ao da motorista Mandrágora, uma cola bem alta, e sacudia a cabeça da mesma forma como a personagem fazia. Os colegas ao assistirem logo comentaram que ela estava igual a personagem.

Alguns estudantes trabalharam em mais de um grupo nas improvisações e nos mostraram cenas em que os moradores não conseguiam dormir. Deitados no chão eles rolavam de um lado para o outro, até receberem os chás em mãos o logo caírem em sono profundo. Relembrar os momentos dos episódios foi muito interessante e mais ainda ver as improvisações recortadas pela lente de cada estudante sobre o processo. O último grupo nos apresentou o momento de chegada em Loco Lândia – O Planeta dos Memes, improvisaram a entrada na sala escura, mostraram que logo acenderam as luzes e comentaram os memes nas paredes da sala. Logo que finalizamos as improvisações, entreguei ao grupo da tradução a carta convite dos moradores de Loco Lândia para a festa de comemoração. Com a carta nas mãos as heroínas liam e traduziam a carta do idioma do Planeta para o nosso quase em tempo real. Alguns estudantes, nesse momento de leitura, estavam conversando com os colegas, alguns fora da classe e narraram que não haviam entendido o conteúdo da carta, fazendo com que elas resumissem o assunto.

Partimos então para nossa última viagem à Loco Lândia. Com as capas nas costas e com a nave pronta voamos para a nossa sala planeta. Na chegada os Heróis e as Heroínas se mostram muito surpresos. Na parede uma grande projeção de um casal dormindo, no chão e pela sala balões e memes, além de comidas e bebidas. Logo após nossa chegada, com os Heróis e Heroínas ainda um pouco eufóricos, recebemos a visita da nossa treinadora Vitinha Black. A treinadora pergunta aos Heróis e às Heroínas sobre a realização da missão e se eles cumpriram com os códigos e com as condutas. Eles e elas logo respondem que cumpriram com a missão de salvar Loco Lândia, narraram os principais acontecimentos com a vilã e confessaram que em alguns momentos os códigos foram um pouco descumpridos.

Vitinha Black anuncia que entregará os certificados aos Heróis e Heroínas como uma homenagem, dos moradores do planeta, pela missão realizada. Juntamente com os certificados demos início ao lanche. Todos estavam bastante ansiosos para ver o vídeo, também enviado pelos moradores, com fotos de todos dormindo. Logo após esse vídeo, anunciei que também

tinha um vídeo para todos nós, para que relembrássemos alguns momentos vividos durante os episódios.

Figura 17 – Entrega de certificados por Vitinha Black



Créditos: Nicoli Mathias (2019)

Em outro vídeo, fotos nossas do processo. Na sala, heróis e heroínas que se viam nas fotos, se reconheciam, lembravam momentos e riam das nossas lembranças. Num canto do planeta, podíamos encontrar também um cantinho das recordações, com algumas materialidades que passaram pelo processo: cartas, memes, cafés, chás e alguns desenhos feitos por elas e por eles.

Depois de alguns minutos de festa em “Loco Lândia – O Planeta dos Memes” e depois do lanche, dos vídeos e dos certificados é chegada a hora de voltarmos. Na sala de aula da turma, muitos abraços e muito agradecimento a esses Heróis e a essas Heroínas que muito me ensinaram. Foi chegada a hora de dizer: Até breve, Loco Lândia.

Figura 18 – Vídeos para os Heróis e Heroínas



Créditos: Marcia Berselli (2019)

Fazendo agora uma análise do quinto episódio até o momento de finalização do processo, pude perceber que a cada semana o grupo estava mais envolvido no contexto dos episódios e no processo como um todo. Os estudantes relatavam em sala de aula que estavam gostando muito do processo, diziam que não queriam que as aulas acabassem, mas ao mesmo tempo queriam salvar Loco Lândia e ajudar os moradores. Percebi que construí uma relação mais próxima dos estudantes e que conseguíamos jogar uns com os outros. Minha xícara de chá já era cobiçada por muitos Heróis e Heroínas que queriam saber qual era o chá do dia e sempre pediam para provar, para que pudessem aprimorar os seus poderes. Observando e avaliando o processo acredito que todos nós, participantes do processo, aprendemos muito. O contexto em que vivemos nos ensinou sobre cuidado e respeito com o outro, sobre perceber a individualidade de cada pessoa e acredito que também tenha nos ensinado bastante sobre fazer teatro no jogo e na troca com o outro.

A ênfase no processo, tanto pelo professor quanto pelo diretor teatral, tem por objetivo lembrar que em qualquer tipo de atividade dramática a preocupação com a dimensão da aprendizagem, quer do contexto, circunstâncias ou valores focalizados, quer da linguagem cênica devem estar presentes. (CABRAL, 2006, p. 17)

Enquanto professora consigo perceber as relações que estavam presentes durante o processo. Amizades que foram crescendo no grupo, pequenos conflitos que eram mais presentes no começo do trabalho no que ao final. Estudantes que não se envolviam, ou se envolviam

muito pouco no processo, mas que de certa forma estavam participando e acompanhando o que estava acontecendo.

Enfim, pude perceber o quanto o processo me ensinou sobre estar na sala de aula e sobre essa partilha do teatro educação. Pude, a cada semana, perceber que meus anseios e minhas inseguranças podiam dar espaço para o jogo e para minha relação com os educandos e com as educandas e, principalmente, que apesar dos desafios que encontrei em relação ao processo e à mediação ele se efetivou pela troca e pela confiança na relação entre todo o grupo.

3 A MEDIAÇÃO DA PROFESSORA-PERSONAGEM NA SALA DE AULA

Ser professora ou ser artista? Começo a reflexão desse capítulo por uma lente que muito me interessa pensar e discutir. Será mesmo que preciso escolher entre as duas profissões? É preciso, na escola, no teatro ou na vida definir minha formação pautada em apenas uma dessas escolhas? Existe espaço para ser artista-docente na sala de aula? Para essa última pergunta eu respondo no que acredito, respondo que sim. E complemento a minha resposta ao encontrar referências que me ajudam a compreender a escola como um “espaço capaz de desenvolver atividades teatrais consistentes, que tenham tanto qualidades artísticas como educativas.” (DEBORTOLI, 2011, p. 91). Nesse sentido afirmo minha postura como professora-artista acreditando no espaço da escola como um lugar em que a arte deve se fazer presente.

A figura do professor-artista, aqui proposta, surge a fim de romper os preconceitos que tendem a distanciar arte e pedagogia, sendo que sua atuação vai além do equilíbrio entre estas áreas. O que o diferencia do famoso “professor de arte”, que trata justamente do educador que reúne em sua prática conhecimentos artísticos e pedagógicos, é que o professor-artista mantendo-se comprometido com a educação e o ensino da linguagem cênica atua também como artista na escola. Ele busca o desenvolvimento de práticas teatrais que permitam sua atuação de forma plena, ou seja, sem desvincular-se das responsabilidades pedagógicas, atua como diretor teatral, ator, produtor, figurinista, cenógrafo, sonoplasta, etc. com o objetivo de desenvolver um processo criativo, dialógico e transformador, através da apreciação, da prática, do estudo e da aprendizagem da linguagem cênica. (DEBORTOLI, 2011, p. 93)

Buscando esse espaço de diálogo entre as partes reflito aqui o meu trabalho como professora-artista recortando para o debate a abordagem artística pedagógica do Drama como um modo de convergência. Como já citado anteriormente o professor-personagem é uma das estratégias mais utilizadas na mediação do processo de Drama. A estratégia conhecida originalmente como *Teacher in Role* foi traduzida por Beatriz Cabral (2008) como professor-personagem e segundo a autora essa estratégia possibilita que o professor assuma um personagem facilitando assim sua mediação no processo e no jogo com os participantes.

Entendo o Drama como uma abordagem sensível e a estratégia da professora-personagem como uma forma de me colocar no processo como artista-docente. No Drama entendo, principalmente, que estamos construindo um processo durante os episódios, sem a preocupação de uma apresentação final. Esse não era o meu foco com o grupo e essa abordagem nos permitiu a experiência e o aprendizado sem essa demanda. Com a estratégia da professora-personagem consegui experimentar uma personagem e criar cada vez mais elementos para essa construção, criando e elaborando minha personagem no jogo com os outros participantes e não estando em uma posição autoritária e vertical. No Drama vejo a possibilidade de criar e aprender

com os estudantes de uma forma em que podemos aproveitar o processo, e entender que ele é construído por uma lente sensível. Um caminho construído pelo sensível, pois é entendido a cada episódio e abre espaço para que os participantes ajam no contexto e criem a partir dele.

Ao fazer teatro/drama, entramos em uma situação imaginária – no contexto da ficção. A aprendizagem decorrente emerge desta situação e do fato de termos de responder a ela, realizar ações e assumir atitudes nem sempre presentes em nosso cotidiano. Como consequência, não ficamos restritos ao contexto “real” da sala, nem a excursões ocasionais. Nós podemos operar em qualquer contexto. (CABRAL, 2016, p. 12)

Como professora-artista, na sala de aula, pude ser a Super Cháchá e entender que na construção dessa personagem pude buscar meu repertório enquanto atriz. Explorar algumas formas diferentes de caminhar em determinadas situações, diferentes formas de falar e me dirigir ao grupo e até mesmo diferentes maneiras de agir com os estudantes em cada situação. Enquanto Super Cháchá, fui entendendo que era preciso que estabelecêssemos o nosso jogo e a nossa forma – minha e dos estudantes – de agir e reagir ao contexto instaurado. Tomar um chá foi durante muito tempo a minha ação principal para qualquer situação. Se precisava ficar calma, tomava um chá, precisava falar algo muito sério para o grupo e não estava sendo atendida pela maioria, tomava um chá, precisava ajudar algum herói ou alguma heroína em alguma situação na sala de aula, tomava e oferecia um chá. Criamos e reagimos juntos em muitos contextos. Em alguns momentos ainda sendo “profe” e em outros sendo Super Cháchá, mas em nenhum momento deixando de ser uma delas para ser a outra.

3.1 A PROFESSORA-PERSONAGEM ARTISTA NA SALA DE AULA

Retomo nesse capítulo as reflexões sobre minha dificuldade inicial de me manter no contexto ficcional do processo de Drama. Percebi, no começo do processo, um pouco de dificuldade em me manter como professora-personagem no contexto ficcional, principalmente na relação com a professora na sala de aula. Em alguns momentos, nos dois primeiros episódios, percebia que mesmo agindo no contexto com as crianças acabava reagindo diferente com a professora. Exemplifico: quando me apresentei como Super Cháchá, utilizando-me da estratégia de professora-personagem, percebi um grande estranhamento das crianças em me chamar por esse nome. Muitos ainda me chamavam de professora e com as crianças eu conseguia reagir de formas diferentes perguntando quem era a “profe” ou então dizendo que meu nome era Cháchá, diferentemente de quando era chamada de “profe” pela outra professora da sala e acabava atendendo-a por esse chamado.

Em alguns momentos me senti insegura na mediação com o grupo e acabava não sabendo como jogar com a turma e com a professora. Compreendendo que muito da proposta deve vir de mim, de disponibilizar material para o jogo, quando não conseguia reagir, ou então ouvir o grupo, acabava perdendo oportunidades preciosas de jogo. Esses momentos iniciais do processo me deixavam muito insegura e preocupada em relação ao processo e se o grupo estava ou não compreendendo. Em uma primeira impressão acreditava que o processo de Drama não estava acontecendo, julgava que estava dando tudo errado, perante tamanha insegurança e por não conseguir observar o envolvimento do grupo no processo. Bem como por ansiar a questão de que “não se trata do jogo pelo jogo, mas do jogo fundado na criação de um universo dramático mais complexo e envolvente para os participantes da proposta.” (CABRAL; PEREIRA, 2017, p. 287). No começo do processo, ainda com dificuldade de reconhecer os momentos de jogo do grupo, também não reconhecia o envolvimento dos participantes na proposta. Perceber que esse universo ficcional era bastante complexo e que precisava de uma entrega e dedicação maior da minha parte me fez pensar em quais outras estratégias, como mediadora, eu buscava para o processo.

Os vários focos de atenção da turma na sala de aula e conseqüentemente os diversos interesses do grupo me preocupavam, pois não conseguia avaliar se a mediação sensível que eu estava buscando estava se efetivando. Ainda me questiono bastante sobre isso, pois percebi os diversos interesses do grupo e acredito que provavelmente não consegui dar atenção a tudo. Sendo assim, procuro avaliar se os momentos e as situações de jogo e de escuta entre o grupo e na minha relação com este aconteceram de forma efetiva.

Reconhecendo o Drama como uma abordagem artística pedagógica de ensino e experimentação do teatro, unido à estratégia de mediação da professora-personagem, sempre acreditei na minha participação como parceira dos estudantes do processo indo ao encontro do que Cabral fala:

O desenvolvimento do processo a partir de, e delimitado por, um contexto dramático torna-se fundamental para abordar o drama como eixo curricular. É este contexto que vai permitir que os participantes sintam-se livres para expor imagens e expectativas pessoais, focalizar emoções e resolver conflitos. A mediação do professor, na esfera da ficção, descaracteriza a situação *ensino* e adquire conotação de *parceria*. Isto acontece principalmente se o professor participar do processo como *personagem*. (CABRAL, 2006, p. 36)

Ao longo do processo, como personagem pude perceber o quanto me aproximei do grupo e de fato conquistei esse espaço de parceria. A exemplo, cito o episódio de número quatro, quando a motorista Mandrágora chega com informações de Loco Lândia – O planeta dos Memes: a personagem chega com uma energia bastante elevada na sala de aula. A característica

agitada da personagem parece assustar alguns participantes, pois ela apresenta um oposto do que eu vinha propondo para o grupo. Em um dos momentos que Mandrágora saiu da sala alguns estudantes vieram falar comigo e me pediram para deixá-la para o lado de fora. Outro estudante me fala que da próxima vez é para eu trazer alguém mais calmo. Nesse dia relatei aos heróis e heroínas que conhecia Mandrágora há bastante tempo, que ela já havia me levado a muitas viagens para outros planetas e que ela sempre foi assim. Conversando com a turma e relatando as minhas experiências como heroína, pude compreender essa relação de proximidade e parceria no qual eles e elas vieram compartilhar um desejo em relação ao processo e eu pude jogar com eles, dentro do contexto ficcional.

Para mim, um destaque muito importante na mediação deste processo, foram os momentos em que pude contar com a participação de outros personagens. Esses momentos foram de destaque na relação de jogo, tanto com os convidados, quanto com os participantes do processo. Os personagens fizeram parte das estratégias selecionadas para os episódios e colaboraram muito na construção da narrativa do Drama e na manutenção do contexto ficcional do processo.

Como mediadora do processo, questionei-me bastante sobre os estudantes que não queriam participar das atividades propostas nas aulas. Meu entendimento, nessa busca por uma mediação mais sensível com o grupo, me faz pensar que não queria, de maneira nenhuma, forçar a participação de ninguém nas aulas, no entanto, durante o processo refleti sobre quais estratégias poderiam instigar todo o grupo a participar. Em sala de aula destaco a presença do estudante T., que logo na primeira aula fez questão de se afastar do grupo que participava da aula de teatro. Ao conversar com ele e questionar o motivo do afastamento recebi como resposta que, naquele dia, não queria participar. Falei para que ele ficasse atento ao que estava acontecendo e que se, em algum momento sentisse vontade de participar ele poderia se juntar ao grupo. A postura do estudante T., de não querer participar, continuou por algumas aulas. Uma forma de tentar envolvê-lo na aula foi quando, em uma das aulas que T. não participou, pedi para que ele me ajudasse num relatório das atividades que estávamos fazendo. Coloquei-me disposta a ajudá-lo, e nessa aula, ele preferiu participar do processo.

Nesse contexto, me pergunto se o fato de eu pedir um relatório, como uma forma de propor uma participação do estudante, tenha parecido uma punição ou algo muito chato de fazer, que participar da aula parecia ser melhor. Em outra aula ele apresentou menos resistência em participar das propostas, porém percebi que a única pessoa próxima dele era o colega e amigo B. – Super Comida. Os estudantes T. e B., pela minha observação, parecem muito amigos e estavam sempre juntos. Vejo que o estudante B. se relaciona com outros colegas

enquanto o estudante T. parece preferir estar mais afastado do grupo. Em um dos episódios o estudante T. preferiu ficar de fora de todo o processo, nessa aula ele ficou copiando a matéria do dia anterior, pois havia faltado a aula. Nesse dia, em acordo com a professora da turma, o estudante T. se manteve no seu lugar com a atividade que já estava fazendo e não participou da aula de teatro.

Outro grande desafio encontrado foi o fato de que nas quintas-feiras, dia em que aconteciam as nossas aulas de teatro, a turma não estava com a professora regente, mas sim com a outra professora da turma que está com eles apenas nas quintas-feiras. Quando observei as aulas das duas professoras pude perceber que a mediação com a turma é bastante diferente entre elas. Com a professora regente os estudantes estão mais disponíveis a escutar e parecem mais próximos a ela, com a professora que está com eles nas quintas-feiras percebi a turma mais agitada e aparentemente menos envolvida nas atividades. Além de ter percebido esses fatos na prática, ambas as professoras comentaram esse fato comigo.

Nas observações, percebi algumas diferenças na forma como as duas professoras medeiam a turma. A professora regente preza muito pelo diálogo com os estudantes e quando ela precisava chamar atenção da turma logo era atendida. Com a outra professora, percebi que para ela estabelecer o seu espaço dentro da sala acabava precisando chamar mais atenção do grupo e precisava esperar um tempo bem maior para ser atendida. Estando diante das duas professoras, acompanhando algumas aulas, percebo que o fato da professora regente estar por um período maior na sala de aula, com a turma, torna-a mais próxima dos estudantes. Enquanto a outra professora precisa de mais tempo para conquistar seu espaço. No entanto, reconheço que passei mais tempo em companhia da segunda professora, o que pode influenciar em minha leitura relativa à mediação.

Na mediação durante o processo percebi que a turma possuía interesses diversos durante as aulas. Alguns estudantes estavam mais interessados na construção do Drama, outros estavam atentos ao que estava acontecendo, mas encontravam outras coisas para fazer durante a aula, um desenho, uma brincadeira com o colega do lado, uma conversa, entre tantos outros focos. Além de alguns estudantes que pareciam não estar interagindo no contexto ficcional em alguns momentos e que eu precisava convidar novamente para participar, ou ao menos para ouvir a proposta. Nesses diversos focos e na característica da turma de ser uma turma barulhenta me questionei muito sobre: como a professora-personagem opera diante desses focos? Como mediar de uma forma sensível? E ampliando a problematização ainda questiono: É possível pensar a prática de uma educação sensível em um ambiente escolar em que os moldes da

educação continuam os mesmos de sempre? Para refletir um pouco sobre essas questões destaco Pillotto.

A escola, apesar das inúmeras pesquisas realizadas sobre métodos contemporâneos para a educação, ainda continua priorizando em suas práticas um ensino e aprendizagem voltada ao pensamento linear, disciplinar e conseqüentemente fragmentado. A educação pela via do sensível é por vezes considerada menos importante que os aspectos cognitivos, que indicam na concepção de algumas escolas sucesso futuro. (PILLOTTO, 2007, p. 114)

Educar pelo sensível me parece exigir mais atenção de nós educadores, e talvez uma dedicação maior de tempo no exercício de ouvir antes de responder, principalmente na relação com os estudantes. Em relação à arte, mais especificamente ao teatro, acredito que pensar a educação sensível é uma forma de estar mais aberta a percepções sutis. Na prática, quando de fato estou mediando as aulas de teatro percebo como é difícil muitas vezes a mediação perante tantos focos de atenção que a prática proporciona. O tempo para mediar uma turma e conseguir ouvir e ser ouvida por todos é bastante grande. O cuidado com o grupo e, por que não confessar uma boa dose de paciência, são essenciais.

No Drama, como professora-personagem, pude experimentar situações de jogo e improvisações para conseguir que o grupo estivesse comigo. Um mesmo jogo de “congelar” ou de “roubar o som” funciona em uma aula, a partir do momento em que se percebe que os estudantes estão mais atentos à prática. Mas, na semana seguinte, parece deixar de fazer sentido e se torna uma ação qualquer em meio a um grupo em que todos falam ao mesmo tempo e ninguém se escuta. Fui percebendo aos poucos que o tempo de cada aula e o espaço de conquista da turma é diferente a cada vez.

Ao ler Silvia Duarte Pillotto (2007), dialogo com a autora sobre processos de criação e sobre nossa capacidade e necessidade de criar. A criação, segundo a autora está ligada à sensibilidade, sendo assim ela “é capacidade inerente a todos os seres humanos, mesmo em diferentes graus. Desta forma, é possível entender a criação como uma abertura permanente de entrada de sensações.” (PILLOTTO, 2007, p. 114). Acredito que aqui seja um ponto interessante de seguir pensando a criação e a sensibilidade no processo de Drama. Entendendo que eu, enquanto professora, professora-personagem e mediadora do processo estou totalmente incluída nessa dimensão da sensibilidade, percebendo que essa sensibilidade se concretiza no aprender e no criar junto com o outro. E, percebendo ainda mais que o centro da aprendizagem se concentra agora no estudante, que ao estar presente no processo de Drama, aprendendo a compartilhar e a criar junto aos outros colegas, desenvolve, no seu processo de aprendizagem, essa dimensão da sensibilidade.

No que tange o foco dessa pesquisa sobre a mediação das relações entre o grupo pude observar ao longo do processo que em muitos momentos o grupo se dividia pelas afinidades existentes entre eles. Em momentos em que sugeri que parte do trabalho acontecesse em duplas, ou grupos de números maiores, a turma se dividia em grupos de meninos, outros de meninas e grupos mistos. Observei que no começo do processo três estudantes, dois meninos e uma menina, normalmente ficavam sozinhas ou esperando que alguém os chamasse para os grupos. Ao instigar que se unissem aos colegas percebia que um dos meninos tinha um pouco mais de recusa e preferia trabalhar sozinho, os outros dois normalmente se juntavam aos colegas nas realizações das atividades.

O grupo sempre teve como característica ser bastante agitado, os estudantes em sua maioria falavam alto e se relacionavam com toda a turma. Em muitas aulas encontrei conflitos a serem discutidos com o grupo, alguns casos de desacordos na sala e estudantes que vinham contar que um colega tinha falado algum palavrão na aula ou que tinham falado algo para o outro.

Nesses casos entender a mediação pela professora-personagem se tornava algumas vezes difícil pelo fato de alguns estudantes não estarem no contexto ou mesmo por acharem que eu não estava falando sério com eles. Em muitos casos quando tentava chamar atenção do grupo tomando um chá, cumprimentando os estudantes bem de perto ou ainda fingindo um cansaço extremo na sala percebia que eles riam e entravam no jogo, colaborando com um momento de escuta, e outras vezes pareciam ignorar o jogo. Nos momentos mais difíceis, em que não conseguia falar com o grupo, a professora da sala pedia licença e chamava a atenção na força do grito. Isso aconteceu algumas vezes e nesses momentos me sentia em uma situação bem desconfortável com o grupo e também com a professora, pois essa não era uma ação que eu estava propondo. Isso me fazia pensar se o grito era de fato necessário para chamar o grupo ou se ela estava buscando um imediatismo na resolução do silêncio na sala. Essa escuta era, com certeza, necessária, mas não era minha intenção encurtar esse caminho. Porém, na aparente “falta de controle” perante a turma, compreendo que a ação da professora tinha o objetivo de me auxiliar na continuidade da aula.

Alguns jogos na sala e alguns momentos precisaram ser mais rápidos e outros levavam mais tempo, pois a cada prática era preciso entender e respeitar o tempo do grupo e da organização das ações propostas. Entendi que em muitos momentos podia buscar aliados na turma. Os Heróis e as Heroínas que estavam mais próximos da Super Cháchá me ajudavam a falar e a explicar algo para os colegas quando os mesmos não tinham ouvido ou entendido algo.

Percebo que muitas vezes não pensamos e não vemos a educação de forma sensível.

Pela prática do processo de Drama na escola percebi vários momentos que os estudantes queriam ser ouvidos, queriam contar suas histórias e muitas vezes não abrimos espaço para isso acontecer na aula. Muitas vezes esquecemo-nos de ouvir e nos preocupamos muito em falar. Ao mesmo tempo, quando precisava falar com a turma, muitos foram os momentos em que precisei pedir um minuto de silêncio, ou ainda esperar para que o grupo pudesse me perceber e perceber que eu precisava falar. Entendi muitas vezes que o espaço do grito ou da concorrência com a turma para chamar atenção não era interessante. Nessa ação do grito há apenas um desgaste de voz e de energia que não vence a força de uma turma inteira. O contraponto sim é interessante. Parar, congelar, pegar uma xícara de chá, me posicionar com a mão erguida no centro da sala, várias foram as estratégias de poder ganhar espaço de escuta na turma em meio aos tantos focos de atenção da sala. Deixar de lado um possível olhar sensível para o educando e para a escola nos torna cada vez mais seres iguais, homogeneizados. A ausência do sensível, em minha opinião, fecha possibilidades de diálogo, de troca, fecha os espaços possíveis de ver e perceber o outro.

Em relação a como mediar o grupo de uma forma em que eu estivesse atenta à escuta sensível ao qual tanto falo aqui, fui entendendo que de fato essa mediação leva tempo e necessita de um espaço de conquista e confiança com o grupo. Posso dizer que da metade para o final do processo comecei a entender mais o tempo da turma para chegar na sala e começar o processo. Fui entendendo que a minha ansiedade em chegar e logo propor algo não me ajudaria nesse sentido. As relações precisam de tempo para se estabelecer e talvez não exista um modo específico ou definido de como fazer isso, somente o entendimento de que é possível construir essa relação mais próxima dos estudantes e que talvez, antes de começar o episódio, ou uma aula, é preciso perceber mais esse tempo de chegada do grupo.

4 PROBLEMATIZAÇÕES DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL NO PROCESSO DE DRAMA

Neste capítulo apresento reflexões sobre a educação sensível e observações feitas durante o processo de Drama. Busco aqui questionar as possibilidades efetivas do que venho compreendendo como uma abordagem sensível na educação, estando atenta em como meu modo de responder às demandas em sala de aula sofrem interferência de meu olhar pautado pela ideia do saber sensível e de um saber que tem o corpo como elemento primordial.

O saber sensível e o pensar a educação sensível, para mim, estão centralizados na percepção da diferença. Estamos acostumados, muitas vezes, a um olhar genérico, homogeneizado, um olhar que na verdade nada vê. Ao olhar de forma sensível se enxerga a diferença. Percebe-se as diferenças e as particularidades de cada ser. Acredito que, entendendo e percebendo um caminho sensível não há uma generalização da forma de ver e de tratar o outro. Buscar um olhar sensível parte do treino da percepção e da escuta, em cada momento, em cada ação e no contato com cada pessoa. Para mim, educação sensível é procurar uma outra postura de pensar e de agir em sociedade.

A educação do sensível possibilita um novo pensar sobre a aprendizagem e a educação. Enfatiza que cada sujeito está apto a perceber a diferença, o outro e com o outro. O aprender na diversidade encontra sua raiz na corporeidade. Dessa forma, um conhecimento incorporado, que requer um novo paradigma ético-estético que envolva a corporeidade e as subjetividades no cerne do processo educativo. Um conhecimento que instaure espaços de sensibilização e ressignificação do mundo, constituindo feixes de possibilidades, eixos de coexistências. (SURDI; FREIRE; MELLO, 2016, p. 369)

Pensar a educação sensível em relação ao processo de Drama acontece por perceber a potência sensível que é parte dele, bem como a participação dos estudantes e a mediação do professor são construídas a partir de um trabalho em conjunto, partindo da escuta e do jogo entre ambas as partes. Dessa forma, posso ver o Drama como uma abordagem sensível, que dialoga com a proposição de Duarte Júnior (2000, p. 212) em termos de métodos e caminhos que despertem uma dimensão sensível do trabalho.

[...] a educação da sensibilidade necessariamente pressupõe uma educação sensível, isto é, um esforço educacional que carregue em si mesmo, em termos de métodos e parâmetros, aquela sensibilidade necessária para que a dimensão sensível dos educandos seja despertada e desenvolvida.

No processo de Drama, percebo que podemos ampliar a percepção da nossa sensibilidade. A educação da sensibilidade acontece entre os participantes, seja durante o jogo, seja na escuta do processo ou mesmo em relação à mediação do grupo durante o processo de Drama, que se atualiza a cada contexto e a cada dia. Estar revendo e observando as ações e as

atitudes, dentro e fora do processo, me auxilia na ampliação dessa percepção, principalmente em relação à forma como eu me relaciono com os estudantes na sala de aula.

Ao longo dos episódios, fui percebendo que a cada semana ao chegar na sala de aula, conseguia entender um pouco mais sobre como iniciar o episódio. Muitas vezes foi necessário pegar uma xícara de chá e apenas ouvir, outras vezes foi necessário pedir ao grupo que voltasse a atenção para o que estávamos fazendo. Durante o processo fui entendendo mais essa camada que posso observar como sensível. O momento de eu chegar na sala de aula não era, necessariamente, o início do episódio. Muitos foram os dias em que precisei esperar a turma se organizar para poder começar, ou então ouvir algumas histórias dos estudantes antes mesmo de começar a propor o episódio. Os diversos focos de atenção na turma me desafiaram a estar aberta para adaptar sempre que necessário a proposta do episódio. Muitas vezes acabei não conseguindo guiar o episódio da forma como imaginei e, para que não existissem lacunas entre um episódio e outro, era necessário que o episódio seguinte fosse pensado e organizado somente após o término do episódio anterior. Nesse sentido nosso processo foi construído semanalmente, entendendo o que havia acontecido anteriormente, alimentado pelas proposições que surgiam nos episódios, para que então pudesse propor uma continuidade.

Relembrando o processo de Drama, lembro que no primeiro dia, como Super Cháchá, fui muito bem recebida. Fui questionada pela minha roupa, pelo meu chinelo de lã e também pelo meu chá. Expliquei que era uma Super Heroína aposentada e que naquele dia havia saído de casa muito rápido e que não havia dado tempo de trocar de roupa. No segundo dia chego como Nicoli e logo me perguntam onde está a minha roupa. Me visto na frente da turma, com o mesmo roupão e o mesmo chinelo, afinal estou aposentada e essa é a minha roupa mais confortável, digo a eles que agora sim podemos começar, mas antes, um chá. Nesses momentos e em muitos outros percebi que a turma alterava os seus focos de atenção, um pouco me acompanhando, outro pouco falando com o colega, levantando da classe e conversando com os demais. Os focos de conversas sempre foram muitos, quando tentava falar algo com a turma precisava pedir atenção, parar, muitas vezes só observar, até que em algum momento conseguia falar algo. Percebo que o tempo para que eu chegasse a esse diálogo era bastante grande.

Outras vezes no processo, quando estávamos criando ou, por exemplo, no segundo episódio construindo nossos relógios, enquanto Super Cháchá colava umas pulseiras, com algumas crianças que estavam falando sobre seu relógio e sobre o que ele fazia, outra parte da turma estava com diferentes focos de atenção pela sala. Em outro momento vi uma menina tentando dar um chute em um menino e quando questionei o que estava acontecendo ela me disse que estava testando o poder do relógio dela. Como separar os espaços de experimentação

e diversão para o grupo dos espaços de caos? Como identificar o que é caos e o que é experimentação não mediada por comandos de cima para baixo? Me questiono, pois muitas vezes, na minha percepção, era como se eu tivesse perdido todo o grupo, sendo preciso resgatar todos de volta para o contexto do que estávamos fazendo no momento. Me questionei em como jogar com a turma nesses momentos, mediar os tantos focos e entender que minha busca pela educação sensível é também de ouvir a todos e poder responder a todos, porém continuo me perguntando: como? É possível dar atenção a tudo o que acontece na sala?

Refletindo, percebo que algumas vezes fiquei muito em dúvida sobre como mediar as situações da melhor maneira e acabei, às vezes, não conseguindo mediar de uma forma que eu conseguisse escutar a todos. A proposta de entender a mediação com uma escuta sensível na sala de aula, como professora-personagem, mostrou-se, às vezes, difícil na prática. Percebo que no início do processo me sentia um pouco perdida sem saber o que fazer dentro da própria personagem e do processo em relação a esses momentos em que estava tomada por diversos focos de atenção e aos outros interesses do grupo, como por exemplo, algumas brincadeiras com slime (uma espécie de massinha de modelar gelatinosa), desenhos e raramente os celulares que apareciam. Uma das minhas dúvidas sobre os estudantes saírem do que a gente estava fazendo era se de fato o contexto ficcional, tão necessário para o processo de Drama, estava se construindo; ou se minha mediação não estava abarcando o grupo da forma como eu imaginava e esperava; ou ainda, visto que os focos de atenção da turma variavam tanto e de forma tão rápida, me pergunto, igualmente, como poderia estar atenta a tudo e a todos. A partir daqui começo a rever algumas situações observadas durante o desenvolvimento dos episódios.

Para Neelands [1990] a seleção dessa fonte [pré-texto] deve ser influenciada por seu potencial de traduzir uma experiência humana de forma acurada, representar essa experiência através de uma combinação acessível de palavras, imagens e sentimentos, capturar o interesse e a imaginação dos participantes, oferecer suficientes informações para engajar emocionalmente o grupo e motivá-lo a buscar mais informações, reais ou ficcionais. (CABRAL; PEREIRA, 2017, p. 289)

No sentido de capturar os interesses dos participantes pude perceber que, ao longo do processo, com as informações, com as materialidades e com os personagens o grupo foi criando e imaginando as situações dentro do contexto. Vale ressaltar que as problematizações e dúvidas até aqui narradas acerca do contexto ficcional dos episódios do Drama foram observadas e narradas principalmente nos episódios iniciais do processo. Ao longo dos episódios fui percebendo que as materialidades relacionadas aos episódios e os personagens convidados para o processo foram contribuindo para o envolvimento do grupo.

A organização através de episódios é comum a todas as abordagens do Drama. Implica em um relacionamento mais complexo entre as partes do trabalho do que as conexões lineares de uma sequência ou narrativa; os segmentos do trabalho são unidos como parte de uma rede de significação. A complexidade das interações, dentro de um episódio, decorre do fato de que esse se refere ao aprofundamento ou às implicações de alguma ação ou postura evidenciada no episódio anterior e, como tal, poderá incluir questões de ética e juízos de valor. Nesse sentido, o material criado em uma experimentação, alimenta as novas propostas de jogo que serão oportunizadas em um próximo episódio. (CABRAL; PEREIRA, 2017, p. 288)

Ao avaliar os episódios iniciais do processo de Drama e perceber que o grupo parecia ainda não estar envolvido no contexto ficcional, busquei como uma estratégia levar uma personagem para dentro do processo e poder, a partir do jogo e da resposta do grupo no episódio, alimentar um pouco mais o jogo com os participantes. As informações trazidas pela personagem Vitinha Black, primeira personagem convidada, alimentaram a curiosidade de todos, que fizeram muitas perguntas acerca do passado de Super Cháchá. Esse momento foi bastante importante pois me mostrou que era preciso atenção em avaliar os episódios anteriores e pensar melhor sobre cada episódio e, principalmente, pensar o episódio seguinte não só em relação ao episódio anterior, mas refazendo uma análise da aula e do processo num todo de modo a buscar fornecer elementos para a consolidação do contexto ficcional.

Busco aqui refletir sobre a efetivação dessa procura por uma mediação e por uma escuta sensível. Acredito que muitos momentos do processo tenham sido conturbados e percebo os vários momentos em que precisei conversar com a turma sobre escuta, sobre cuidado com o outro e enfatizar um pouco mais essa busca do sensível. Destaco um momento, quase ao final do processo, que para mim exemplifica, não só o envolvimento do grupo no processo, como um entendimento do quanto a escuta é necessária. No episódio de número 7, quando Cafelícia manda um vídeo para o grupo, sugerindo aos Heróis e às Heroínas que utilizem do chá com café para salvar Loco Lândia, reúno o grupo e anuncio a apresentação do mesmo. A turma, ainda bastante agitada, produz vários sons e escutamos algumas conversas misturadas junto ao áudio. Em determinado momento a caixa de som que auxiliava na amplificação do som do vídeo parou de funcionar. Destaco para o grupo que agora precisaremos de mais silêncio para que possamos ouvir e em pouco tempo percebo a turma inteira completamente concentrada no vídeo. Dentre todo o tempo de trabalho com o grupo, esse foi um dos momentos em que mais pude perceber o grupo silenciar para ouvir algo de uma forma que todos estavam interessados em saber o conteúdo. Não era um momento de silêncio que havia sido exigido a base de qualquer tipo de repressão. Era um silêncio necessário para que pudéssemos ouvir e era um silêncio gerado pelo grupo.

O grupo mostrou um afeto enorme com a Cafelícia, mesmo ela sendo a vilã do processo. No dia em que a personagem participou do episódio pude perceber muitos participantes jogando com ela. Outro momento que destaco nesse processo, em que percebo o grupo agindo e jogando com a personagem, foi quando, ao final do episódio 6, Cafelícia cai em sono profundo com uma heroína segurando sua cabeça para ela dormir e outra parte do grupo ao redor da vilã cantando uma canção de ninar. Nessa ação e no jogo dos participantes com a vilã era perceptível o corpo dos estudantes agindo, envolvidos nas ações, no episódio.

Retomando as leituras sobre a educação (do) sensível, como coloca João Francisco Duarte Júnior (2010), encontro nas palavras do autor algo que compreendo há algum tempo sobre perceber que o nosso corpo já possui um saber que é próprio. Essa sabedoria do nosso corpo, segundo o autor, pode ter denominações como “sabedoria que as vezes é dita como sentimento, às vezes intuição e às vezes até mesmo treino corporal puro e simples” (DUARTE JR., 2010, p. 125). Ao mesmo tempo em que compreendo que nosso corpo possui uma sabedoria própria, reflito sobre os ensinamentos que nos são apresentados pelo nosso próprio contexto social. Exemplo disso são as ações que nos são ensinadas, como por exemplo sentar, comer com talheres, andar com dois apoios. Essas ações, mesmo que possam parecer naturais ou normais ao nosso corpo, são técnicas corporais que nos são ensinadas e consideradas socialmente esperadas de um corpo dito como normal. Segundo Marcel Mauss (2003) “Todos esses modos de agir eram técnicas, são técnicas do corpo.” (MAUSS, 2003, p. 407). Por técnica, o referido autor exemplifica:

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica nem transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. (MAUSS, 2003, p. 407)

Nesse sentido, as aulas e o processo poderiam aproveitar os conhecimentos e práticas dos estudantes, não só aceitando o que eles apresentavam, mas também questionando algumas regras e posturas – como por exemplo, bater no colega quando algo que ele fez desagradou a outro, ou, mesmo, os gritos que ao surgirem impõem imediatamente o silêncio na sala de aula. Observando essas respostas, respostas corporais dos estudantes, fui reconhecendo a importância do trabalho com o corpo na perspectiva de uma educação sensível.

4.1 POR QUE PENSAR O CORPO NA EDUCAÇÃO SENSÍVEL?

Buscando entender a relação entre corpo e educação sensível retomo minha formação de artista para destacar para reflexão conceitos que se aproximam. Durante minha graduação passei a me interessar por práticas corporais e, através da participação em grupos de estudo e projetos, me aproximei da educação somática. Refletindo sobre corpo como soma podemos destacar que o “[...] corpo como soma compreende a não separação do dualismo corpo-mente, além de não reconhecer o corpo apenas em seu aspecto biológico, mas leva em conta aspectos da ordem de emoções, pensamento, valores sociais, culturais, políticos e espirituais” (BERSELLI, 2017, p. 57). Assim como, a educação sensível é uma educação “preocupada na formação integral do ser humano enquanto um ser composto de corpo, mente, alma e espírito, como um ser autônomo crítico e pensante.” (BOTTEGA; RAFFAELLI, 2014, p. 01). Aproximando esses dois conceitos posso refletir sobre o corpo como soma e o corpo como um elemento primordial no pensar sensível e no entender a educação sensível.

Desde ano passado, quando volto para a escola para fazer meu primeiro estágio, observo os corpos que habitam aquele espaço. Quando retorno à sala de aula observo que muitos estudantes possuem uma postura de entrega do corpo para a classe. A coluna curvada para frente e a cabeça que levanta e baixa em ritmos diferentes para copiar o que está escrito no quadro. Percebo que os corpos presentes na escola estão muitas vezes condicionados a ficarem parados por bastante tempo. Ou então direcionados a estarem sentados. Durante as observações me percebi inquieta e cansada por estar sentada durante muito tempo nas classes e muitas vezes me perguntei como estariam os corpos das crianças. Talvez essa seja uma inquietação que eu não saiba responder, mas observar os corpos das crianças na sala de aula, no recreio ou mesmo nas aulas de teatro me faz perceber que a maioria desses corpos precisa de movimento.

Levantar da classe para levar um papel no lixo, levantar e pedir para ir ao banheiro ou mesmo apenas levantar da cadeira é uma ação que, pelo que observo, está sempre presente nas aulas. Quando penso sobre a relação entre a educação sensível e o corpo volto para esse lugar da escola. Entendo a importância de conhecer o meu corpo, saber conscientemente as minhas limitações e o que eu consigo expressar por meio do meu corpo na minha formação enquanto atriz. Enquanto educadora não consigo dissociar esses entendimentos e procuro durante as minhas aulas propor espaços no qual podemos observar e entender juntos o quanto o nosso corpo é importante e que necessitamos dele para nos expressarmos.

Nosso corpo é também nosso meio de escuta e de percepção. Quando na sala de aula não consigo ouvir e/ou perceber meu colega não consigo também propor um diálogo. A

exemplo disso narro uma das primeiras aulas em que estive sem a professora regente da turma presente na sala. Na segunda aula com a turma, preparei-me para que realizássemos nosso aquecimento, relembrássemos alguns acordos e pudéssemos jogar e improvisar a partir de algumas propostas. Porém, ao contrário do que planejei, acabei neste dia ficando sozinha com a turma. A professora regente precisou sair da sala para uma reunião, enquanto ela estava fora da sala comecei a proposta de lembrar acordos e também propus o aquecimento para a turma. O diálogo foi bem difícil neste dia, muitas coisas aconteciam ao mesmo tempo e eu me percebi completamente sem saber o que ver, o que escutar, o que falar e o que mediar. Não consegui ir ao encontro da turma. Percebo o quanto faltou de escuta da minha parte e talvez da parte deles também. Estávamos ainda nos conhecendo e, essa aula foi desafiadora no sentido de me fazer pensar sobre a relação sensível que estava propondo ao grupo. Não me permiti gritar ou mesmo levantar a voz com a turma, tentei estratégias de diálogo como começar a falar bem baixo, cochichando com uma parte do grupo que estava mais próxima, enquanto outra parte estava com outros focos de atenção. Alguns momentos consegui reunir, com esta estratégia, uma parte do grupo e pude falar um pouco sobre a proposta da aula. Nesses momentos também percebo os estudantes que estão com vontade de participar, que querem ouvir e estar próximo e ao mesmo tempo outros com os quais não havia conseguido uma aproximação. Em meio a tantos focos de atenção que me pergunto se é possível a educação sensível se fazer presente? Como buscar uma mediação com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo? Essas questões foram sempre muito presentes durante o processo.

O exemplo da aula em que estava sem a professora regente na sala me faz pensar bastante sobre como posso propor, de verdade, uma escuta sensível com a turma. Em muitos momentos me pareceu que não havia escuta. E me pergunto: sem essa escuta na sala de aula é possível que haja uma proposta de educação sensível? Se consigo ouvir e ser ouvida por um estudante em sala de aula enquanto outros vinte e tantos estão sem me ouvir, ainda assim posso dizer que houve uma escuta? Como construir esses espaços de diálogo sobre as relações entre o grupo? Como se dá minha relação com o grupo? Questões e inquietações que passam ainda por avaliações minhas. Procurei muitas formas de fazer acordos com a turma e a partir desses acordos buscar espaços de diálogo e respeito entre todos.

Uma análise que faço em relação a minha observação dos corpos dos estudantes no processo, é como o fato de dar as mãos parece algo tão desconfortável e incomodo ao grupo. Observando e lembrando o episódio em que os Heróis e as Heroínas tiveram um treinamento com Vitinha Black, pude observar que o momento em que o grupo estava experimentando uma caminhada unida a outros colegas os corpos deles não estavam demonstrando uma recusa pelo

jogo ou mesmo pelo toque. Talvez a própria instauração do contexto ficcional, do estado de jogo, não sendo encarado como uma tarefa do cotidiano indicada pela professora, mas uma parte do treinamento dos super heróis fez com que esse momento acontecesse dessa forma. No jogo, na improvisação enquanto brincavam de caminhar com uma parte do corpo colada em outras partes dos corpos dos colegas, o envolvimento do grupo era bastante nítido. Já o círculo, por exemplo, parece um lugar onde estamos mais expostos, onde os outros colegas nos observam, e parece um lugar em que não é permitido o toque.

Encontrar a raiz do sensível, na corporeidade, me faz perceber uma possibilidade maior de pensar a educação sensível em relação ao teatro, e nesse recorte, em relação ao processo de Drama. Essa relação, na minha opinião se efetiva não só na escola, como também fora dela. Não ignorando que a busca e o desejo do sensível parte de mim e das minhas escolhas recorro essa passagem de Surdi, Freire e Mello:

Outra questão fundamental nesse processo educacional é a formação dos professores. Não queremos, aqui, entrar em detalhes sobre essa questão, mas salientar que o professor também deve ter e saber lidar com esse saber sensível. Deve dar importância às particularidades e detalhes do mundo que o rodeia, ampliando sua área de atuação, atingindo os domínios sensíveis e corporais que compõem sua existência. Deve construir saberes e práticas articuladas com situações reais do cotidiano, ensinando e aprendendo com as diversas culturas e saberes que cada um dos alunos traz consigo para a sala de aula. Nesse sentido, as relações do docente com seus saberes estarão em constante transformação. (SURDI; FREIRE; MELLO, 2016, p. 367)

Entendendo que essa relação com o Drama e com o sensível parte de uma vontade de entender e pensar esse conjunto na prática. Volto o pensamento para minha formação enquanto professora, acreditando que posso tornar a prática do pensar sensível cada vez mais consciente e presente no meu trabalho, mesmo agora percebendo os desafios que a prática me proporcionou.

Reflico novamente sobre as possibilidades de entender e praticar o saber sensível, não só dentro da sala de aula, mas como uma postura à qual me proponho a pensar constantemente, percebendo a importância do meu corpo e do corpo do outro para também perceber a forma como essa educação se expressa e pode ser compreendida. Como professora-artista percebo a importância de pensar a educação sensível como uma postura, procurando ampliar a escuta pelo outro e ampliando a percepção da diversidade do grupo em que estou em relação, além de perceber as particularidades de cada ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O começo desta pesquisa parte do anseio de propor um processo de Drama e de me experimentar enquanto professora-personagem no processo. O Drama chega como um primeiro ponto de pesquisa e, na busca de entender o recorte do projeto, resgato para pensar junto outro tema de interesse: a educação sensível. Nas leituras sobre educação sensível pude perceber a relação do corpo nessa proposição de pensar e agir sensível e, juntamente com o Drama consegui, de certa forma, associar esses entendimentos ao trabalho dos estudantes na sala de aula. Reconheço mais uma vez o Drama como uma abordagem sensível e consigo destacar, neste trabalho, que o processo de Drama Loco Lândia – O Planeta do Memes foi um processo no qual pude me experienciar enquanto professora mediadora. Consegui, durante os episódios, perceber os momentos em que estive mais insegura com o trabalho e cercada de dúvidas em relação ao processo, assim como, percebi os momentos em que o grupo respondia ao processo de um modo sensível, jogando com os personagens, criando e alimentando o processo.

Reconheço que o processo me apontou vários caminhos e que muitas vezes tive que optar por uma coisa ou outra. Refletindo agora, penso que algumas situações ficaram de fora do processo, cito uma em específico: a pouca exploração dos poderes dos Super Heróis e das Super Heroínas. Acreditei, por um grande momento do processo, que a resolução do conflito se daria pelos poderes de cada integrante do grupo, ou talvez por outras ações dos heróis e das heroínas. Ao mesmo tempo, o processo nos mostrou outro caminho que não pude negar: o café vindo de Loco Lândia e o chá que trazia comigo em todos os episódios. As ações improvisadas dos heróis e das heroínas deram a resposta ao processo, minha tarefa era de entender que todas as proposições que haviam alimentado o grupo estavam agora sendo respondidas. Acredito também que fazer essas escolhas é parte determinante do processo, pois muitas coisas são improvisadas e sugeridas pelos participantes ao longo de cada episódio e de fato é necessário filtrar algumas delas.

Em relação à mediação do grupo, senti bastante dificuldade com os vários focos de atenção. Mediar como professora-personagem me mostrou que em muitos momentos era preciso escutar o grupo e propor que houvesse diálogo entre nós. Eu estava disposta a ouvir, mas também precisava ser ouvida. Muitos momentos me senti dividida entre esses focos e precisei retomar acordos com o grupo para que pudéssemos seguir com o episódio. Na relação de grupo era muito perceptível que os participantes se dividiam em nichos rapidamente, e quando a proposta não atingia o interesse do grupo logo se formavam vários pequenos grupos com atividades paralelas diferentes. Ao mesmo tempo era muito interessante perceber cada um dos grupos com

focos de atenção e de interesse diferentes, principalmente quando os grupos estavam trabalhando na construção de cenas ou de materialidades do processo. Nesse sentido, foi possível respeitar as relações estabelecidas pela turma previamente – ou seja, anteriores à minha chegada – e reconhecer que com o auxílio das estratégias essas relações poderiam ser ampliadas no contexto ficcional.

A dificuldade de mediar algumas situações de muitos sons na aula fez com que eu acabasse precisando da ajuda da professora que ora entrava no jogo de ser uma super heroína, ora se desligava do jogo – principalmente em momentos de chamar atenção do grupo. Reconheço que talvez tenha havido uma falta de atenção da minha parte para com a professora e talvez no auxílio de uma instrumentalização para que ela compreendesse melhor o processo e estivesse mais inserida no contexto ficcional. Reconheço essa falha no processo e penso que para minhas próximas experimentações não poderei ignorar ou deixar passar essa percepção.

Como professora-personagem, percebo que Super Cháchá me ensinou muito sobre mediar e sobre dialogar com o grupo. As estratégias utilizadas no processo, referentes à mediação, como a ação de pegar a xícara de chá para esperar que a turma me percebesse é uma das estratégias que destaco como reconhecimento do sensível e de uma busca por uma ação que me mantinha no contexto ficcional do processo, percebendo e ouvindo o grupo. Outras ações que se fizeram presentes durante a mediação foram: buscar pequenos grupos de auxílio que me ajudavam a falar com a turma, levantar a mão com a intenção de falar e apenas esperar e outras vezes falar bem baixo, junto com a fala desses, buscando um destaque nesse contraponto.

E enfim sobre a efetivação do processo de Drama, percebo que o grupo foi jogando e criando junto, compreendendo as ações motivadas por estímulos que pude ir organizando ao longo dos episódios. Tanto as crianças quanto eu fomos nos permitindo fazer parte do processo, fomos tornando Loco Lândia – O Planeta dos Memes um planeta real, onde poderíamos encontrar os amigos que fizemos ao longo do processo, ajudar a quem pedisse nossa ajuda e principalmente entender que era possível nos divertirmos fazendo teatro.

REFERÊNCIAS

BERSELLI, Marcia. Práticas e técnicas corporais promovendo a presença de artistas com deficiência na cena contemporânea. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-66, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/gearte>> Acesso em 30 ago., 2019.

BOTTEGA, Fernanda; RAFFAELLI, Alexandra F. . O EDUCAR SENSÍVEL E AS POSSIBILIDADES NO SÉCULO XXI. In: 5º SEMIC- Seminário de Iniciação Científica do curso de Pedagogia - 1º Seminário Institucional Interdisciplinar PIBID-FAI, 2014. Itapiranga - SC: FAI - Faculdades de Itapiranga, SC, Disponível em <<http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/2014/5SEMIC/arquivos/resumos/RES3.pdf>>. 2014. Acesso em 07 out., 2019.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. O professor-artista: perspectivas teóricas e deslocamentos históricos. **Urdimento** (UDESC), Florianópolis, v.01, n.10, p. 35-44, dez. 2008.

CABRAL, Beatriz; PEREIRA, Diego. D. O espaço de jogo no Contexto do Drama. **Urdimento** (UDESC), Florianópolis, v.01, n.28, p. 285-301, julho 2017.

DEBORTOLI, Kamila Rodrigues. Professor e artista ou professor-artista? **DAPesquisa** (UDESC – CEART), Florianópolis, v. 6, n. 8, p. 091-098, 2011.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 5º ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JARDIM, Priscila Lourenzo; BERSELLI, Marcia. Tem Drama na sala de aula! Articulações entre literatura surda e práticas cênicas na escola. **Revista Nupeart**. Vol. 21, p. 101-115. 2019.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução Claudio Lévi-Strauss. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PEREIRA, Diego de Medeiros. Drama como uma possibilidade teatral na educação infantil. São Paulo: **ASPAS** – PPGAC – USP, p. 68-79, 2014.

_____. **Drama na educação infantil: Experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos**. 249 f. Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Educação pelo sensível. Linguagens - **Revista de Letras, Artes e Comunicação** Blumenau, v. 1, n. 2, p. 113 - 127, mai./ago. 2007.

SANCHES, Maria Jade Pohl. **Entre reinos, planetas e canetinhas: processos de drama com crianças.** 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria – RS, 2018.

SURDI, Aguinaldo Cesar; FREIRE, Érica Janaína Santiago Moreira; MELLO, José Pereira de. **Corpo e Saber Sensível: pistas para a educação.** **HOLOS**, [S.l.], v. 3, p. 363-370, jun. 2016.

STRASSER, Victória Blini; BERSELLI, Marcia. **É DRAMA!** Reflexões sobre práticas cênicas e visualidades a partir da análise de oficinas de Teatro com alunos surdos. **Rascunhos**, Uberlândia, MG, v.6, n.2, p. 200-220, agosto 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

VIDOR, Heloíse. B. **Drama e Teatralidade Experiências com o *professor no papel e professor personagem* e suas possibilidades para o ensino de teatro na escola.** 137 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.